

LEIDIANI DA SILVA OLIVEIRA

O INSTINTO DE AMERICANIDADE EM *AMERICANAS* (1875) DE MACHADO DE  
ASSIS (1839-1908)

Assis

2009

LEIDIANI DA SILVA OLIVEIRA

O INSTINTO DE AMERICANIDADE EM *AMERICANAS* (1875) DE MACHADO DE  
ASSIS (1839-1908)

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Faculdade de Ciências e Letras de Assis –  
UNESP para Defesa, como requisito para a  
obtenção do título de Mestre em Letras.  
Área de Literatura e Vida Social.  
Orientador: Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo.

Assis

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Oliveira, Leidiani Silva

O48i O instinto de americanidade em Americanas (1875) de  
Machado de Assis (1839-1908) / Leidiani Silva Oliveira.  
Assis, 2009  
106 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

I. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Literatura brasileira-  
História e crítica. 3. Poesia brasileira. 4. Identidade. I. Título.

CDD 869.909  
869.91

Ao meu filho Octávio.

Agradeço...

A Deus primeiramente.

Ao muito querido, orientador, e amigo, o Professor Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo, pela dedicação, carinho, paciência e compreensão que destinou a mim e a minha pesquisa desde a Iniciação Científica.

Aos Professores Drs. Álvaro Simões e Sílvia Azevedo pelas críticas e sugestões tão importantes para a conclusão do meu trabalho.

A minha família que sempre me incentivou a trilhar por caminhos que nunca nenhum de nós havia trilhado. Em especial, agradeço meu esposo, Marcio Aurélio, pela paciência e dedicação nos momentos alegres e tristes; aos meus pais, grandes incentivadores desde as primeiras letras e ao meu filho que se gerou, nasceu e cresceu junto com este trabalho e o tornou mais difícil e ao mesmo tempo muito mais gratificante e significativo.

À CAPES e ao CNPq que financiaram este trabalho.

Direi somente que, em meu entender, tudo pertença à invenção poética, uma vez que traga os caracteres do belo e possa satisfazer as condições da arte. (...) A generosidade, a constância, o valor, a piedade não de ser sempre elementos de arte. (...) O essencial é a alma do homem.

Mas tu, cantor da América.

Machado de Assis

OLIVEIRA, Leidiani da Silva. *O instinto de americanidade em Americanas (1875) de Machado de Assis (1839-1908)*. 2009. 105 p. Dissertação/ Mestrado em Literatura Brasileira - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

## RESUMO

Este trabalho, “O instinto de americanidade em *Americanas* (1875) de Machado de Assis (1839-1908)” visa o levantamento, a leitura e a análise dos poemas que tratam do tema da americanidade, sentimento de exaltação e pertença à América, na obra do referido poeta brasileiro, mais precisamente em um de seus livros de poesia intitulado *Americanas*. Trataremos do conceito de americanidade, relativamente novo no âmbito dos estudos literários no Brasil e da recepção do livro *Americanas*, pouco estudado pela crítica. Encontramos um campo fértil para tal pesquisa, tendo em vista uma reflexão sobre o que seja esse instinto, originalmente, encontrado nos autores, anglo, franco e hispano-americanos, mas também presente em autores românticos brasileiros no momento da busca pela formação da nossa nacionalidade literária. Buscamos também verificar o lugar que ocupa o livro *Americanas* na construção da identidade e na trajetória literária de Machado de Assis, já que uma parcela da crítica brasileira costuma considerar medíocre sua produção em verso.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, Americanidade, *Americanas*, Poesia brasileira, América, Identidade Nacional.

## ABSTRACT

This work, *The american feeling in Machado de Assis' (1839-1908) Americanas (1875)*, aims to raise the reading and analysis of poems which deal with Americanism, a feeling of excitement and belonging to America found in this Brazilian poet's poems, more precisely in his book of poetry *Americanas* (1875). Americanism is quite a new conception and also the public reception of *Americanas* has been rarely studied by Brazilian literary Criticism. It shows a rich and fertile field for such research, considering that this feeling means and originally it was found in the writings of English, French and Hispanish American authors, but also in some writings of this Brazilian romantic author, who was one of the first performers of the National Brazilian literary identity. We also look for the Americanism place in *Americanas* on the process of construction of the identity and literary Machado de Assis career, in which some Brazilian critics have usually considered these poems a mediocre verse production.

**KEY WORDS:** Machado de Assis, Americanism, *Americanas*, Brazilian poetry America, National Identity.



## SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1: Americanismo, americanidade: tentativas de conceituação.....	10
Capítulo 2: Machado de Assis e o instinto de nacionalidade.....	20
2.1. <i>Americanas</i> (1875), resposta à crítica em versos.....	21
2.2. Da crítica à <i>Americanas</i> (1875).....	24
2.3. O olhar crítico machadiano à sua obra.....	27
Capítulo 3: O instinto de americanidade em <i>Americanas</i> (1875) de Machado de Assis .....	33
Conclusão.....	97
Bibliografia.....	100

## INTRODUÇÃO

O presente texto visa o levantamento, a leitura e a análise dos poemas que expressam marcas de *americanidade*, sentimento de exaltação e pertença à América, na poesia do escritor Machado de Assis, mais precisamente no livro intitulado *Americanas* (1875), em que encontramos um campo fértil para tal pesquisa, tendo em vista uma reflexão sobre o que seja esse sentimento, originalmente, encontrado em obras de autores hispano e anglo e franco-americanos, mas também presente em textos de autores românticos brasileiros no momento de formação da nossa nacionalidade literária.

O primeiro capítulo é dedicado aos estudos sobre a americanidade, conceito literário relativamente novo no âmbito dos estudos literários, buscando defini-la e contextualizá-la no Romantismo brasileiro, já que o próprio termo “América”, palavra da qual deriva o termo americanidade, no século XXI carrega um significado que atribui certa ambigüidade ao segundo termo. A construção desta ambigüidade pode ter nascido em 1823, com o surgimento da doutrina Monroe que tinha como slogan a famosa frase “A América para os americanos”. As palavras Estados Unidos foram sendo aos poucos substituídas por América e, conseqüentemente, estadunidenses por americanos. Processo semelhante vivenciaram hispânicos e franco-americanos que se definiam naturalmente como hispano e latino-americanos, enquanto os luso-americanos que se viam mais como brasileiros, que vivem na América do Sul, acomodados, aceitaram a condição ao designarem americanos os estadunidenses e o que dizia respeito aos Estados Unidos da América do Norte e os sul-americanos como hispano ou latino-americanos.

Quando nos empenhamos em repensar esta denominação, mesmo que nos reportemos ao passado, no caso ao século XIX, esta ambigüidade surge, pois nas últimas décadas desse século, começou a ser cristalizada em nossa cultura a apropriação do termo relacionado à América pelos estadunidenses, provocando certo estranhamento para muitos a existência de um momento em que no Brasil nos sentimos americanos.

O segundo capítulo, “Machado de Assis e o instinto de nacionalidade”, é subdividido em três partes. Nele procuramos rever a pouca importância que a maioria da crítica deu à poesia de Machado de Assis, pois reconhecemos que o estudo de seus poemas é muito importante pela relação que tem com o desenvolver do escritor e perceberemos no

decorrer deste trabalho que este livro traz consigo questões muito interessantes, pois além da americanidade, ele tem vigorosa relação com a crítica praticada por Machado de Assis, com as opiniões que a crítica literária tinha em relação à obra machadiana e, podemos até afirmar que este livro pode desvendar muitas questões em relação à atuação de seu autor no momento romântico em que se desenvolvia a consciência da formação da nossa literatura. Na primeira parte, intitulada “*Americanas* (1875), resposta à crítica em versos” procuramos tratar da intenção da publicação do livro *Americanas* (1875), visto que, é considerado uma obra machadiana que apresenta tardiamente traços do Romantismo. Na segunda parte, “Da crítica a *Americanas*”, buscamos resgatar as críticas sobre este livro ao longo do tempo. Na última parte, “O olhar crítico machadiano a sua obra”, procuramos analisar a relação que se estabelece entre *Americanas* (1875) e o artigo “Breve notícia da literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (1873).

O último capítulo tem por objetivo central operacionalizar o conceito do instinto de americanidade na análise dos poemas de *Americanas* (1875), sendo que elegemos três poemas como mais representativos da obra, por isso serão lidos de forma mais cuidadosa. A análise norteia-se pelo estudo da presença dos seguintes traços que delineiam tal instinto: cor local, indianismo, tradição imaginativa, nacionalismo, negritude, hibridismo e posse da América.

## **CAPÍTULO 1: AMERICANISMO, AMERICANIDADE: TENTATIVAS DE CONCEITUAÇÃO**

O brasileiro de um modo geral parece não se sentir americano e talvez por isso quando falamos em americanismo ou americanidade, há sempre quem questione se houve na verdade algum momento em que nos sentimos no Brasil, americanos.

O próprio termo “América”, palavra da qual deriva o termo americanidade, no século XXI carrega um significado que atribui certa ambigüidade ao segundo termo. A partir de 1823, com o surgimento da doutrina Monroe, as palavras Estados Unidos foram sendo aos poucos substituídas por América e, conseqüentemente, estadunidenses por americanos enquanto os demais países que constituem a América, acomodados, reconheceram este novo significado ao termo, passando a designar americano o que dizia respeito aos Estados Unidos da América.

Quando nos empenhamos em repensar esta denominação, mesmo que nos reportemos ao passado, no caso ao século XIX, esta ambigüidade surge, pois nas últimas décadas desse século, começou a ser cristalizada em nossa cultura a apropriação do termo relacionado à América pelos estadunidenses, sendo novidade para muitos a existência de um momento em que no Brasil nos sentimos americanos.

Mesmo dentro dos estudos que buscam definir a americanidade, a ambigüidade deste termo e seus relacionados, como, por exemplo, a americanização, nos leva a uma possível leitura errônea de tais estudos, tendo na base do erro o significado atribuído a tais termos. Jean-François Côté observou em “O conceito de americanidade: hibridismo e cosmopolitismo” (BERND, 2008, p. 13-37) a existência desta possibilidade em “Americanity as a Concept, or the Americas in the modern World-System” de Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein (1992, p. 549-557) quando observa:

[...] chamo a atenção para a ambigüidade marcante na utilização do termo ‘americanização’ utilizada (...) por Quijano e Wallerstein, porque a história desse termo associa-o consideravelmente à influência imperialista dos Estados Unidos sobre o resto do continente e do mundo, enquanto o conteúdo do conceito de americanidade que os autores desenvolvem deixa transparecer implicações e determinações muito mais amplas e profundas. [...] (CÔTE, 2008, p. 19)

Além da problemática de significar o termo, há ainda a dificuldade de entender o termo americanidade separado do termo Estados Unidos, o autor aponta um outro fator que evidencia esta confusão o da “aparência” de proximidade entre os termos americanização e americanidade.

[...] Que num tal contexto a americanidade, como identidade cosmopolita das Américas, comece a se confundir pura e simplesmente com a *americanização* (ou inversamente, na confusão entre americanização e americanidade), como expressão do imperialismo estadunidense tanto dentro quanto fora das fronteiras nacionais, é então um sinal tanto dessa realidade quanto das dificuldades de definição com as quais às vezes ainda hoje nos confrontamos toda vez que tentamos apreender o significado desses termos. (2008, p. 34)

A americanidade é definida como um sentimento de pertencimento e exaltação ao continente americano. Trata-se de um conceito relativamente novo no âmbito dos estudos literários brasileiros que oferece, a nosso ver, um campo fértil para a releitura, principalmente da literatura brasileira do período romântico.

Observando mais de perto os caminhos, ou melhor, o sentido que os termos relacionados à americanidade tomaram, notamos que antes do Romantismo o termo “americano” fora empregado no Brasil, como observa Bernardo Ricupero, em *O romantismo e a idéia de nação na Brasil* (2004), com o simples intento de diferenciar aquele que vivia aqui, do europeu.

[...] Com o tempo, o termo ‘americano’ passa a ser usado para marcar a distinção em relação a europeus, enquanto ‘espanhol’ e ‘português’ são utilizados como diferença diante dos índios, incluindo também os negros e mulatos, (RICUPERO, 2004, 27)

Na busca da definição da americanidade, nos deparamos com poucos trabalhos que tratem do assunto, dentre estes selecionamos “Literatura e americanidade”, de Zilá Bernd, *Americanidade e transferências culturais*, organizado pela mesma autora, “Breves considerações sobre o instinto de americanidade da crítica literária romântica brasileira”, de Luiz Roberto Velloso Cairo; e “O conceito de americanidade: hibridismo e cosmopolitismo”, de Jean-François Côté.

No ensaio “Literatura e americanidade”, Zilá Bernd faz um resumo do “estado da questão” e também aponta uma possível conceituação para o termo, muito ligada ao sentimento de pertencimento à América e à oposição a Europa.

Por ser um assunto ainda pouco estudado pelos críticos brasileiros, o que se observa pelo escasso número de textos que tentam definir tal sentimento, é que americanismo ou americanidade está presente nas literaturas do continente americano, conforme observou Bernd em “Americanidade e transferências culturais”.

[...] intimamente associado às questões de identidade, podendo corresponder a um anseio de afirmação identitária mais abrangente, para além das nacionalidades, dos gêneros e das etnias, por tratar-se de um desafio de identificação continental. (BERND, 2003, p.26)

Neste ensaio, Bernd discorre sobre os caminhos marcados, cada qual, com seus contextos diferentes, por características individuais, mas que têm como objetivo o mesmo desejo de se sentir americano.

Estes caminhos tomados pela americanidade no Brasil, no Quebec, no Caribe e em países hispano-americanos. A autora coloca em evidência os diferentes motivos que estas literaturas apresentam como razão para o surgimento do desejo de afirmação de suas identidades nacionais.

No Brasil, por exemplo, a pesquisadora reconhece a presença da americanidade desde o século XVII em sermões do Padre Antonio Vieira e, principalmente, no século XIX, no Romantismo, momento em que nasce o desejo de nossa afirmação identitária na literatura, conforme citação feita pela autora de estudos de Luiz Roberto Cairo que reconhece a existência e a importância deste sentimento no período mencionado.

No Canadá, chama a atenção para a complexa relação dos quebequenses com os franceses, seus primeiros colonizadores, com marcas culturais mais profundas, do que com os ingleses, seus colonizadores posteriores. A tentativa de afirmar a presença da cultura francesa negando a inglesa fez com que se esquecessem de que acima de todos os preconceitos existentes, eles são americanos, uma vez que vivenciam experiências americanas. (BERND, 2003, p. 35)

O sentimento de pertença à América parece ser uma constante fundamental para a construção das identidades nacionais que se vão delineando através de traços contextuais de cada ex-colônia do continente americano, apoiadas na força continental.

Indo ao encontro da ligação da americanidade e a construção da identidade nacional, em “A crítica romântica brasileira e a nossa América: Varnhagen e Macedo Soares e o instinto de americanidade”, Cairo aponta a estrita relação existente entre o nacionalismo romântico e a americanidade ao registrar que [...] esse espírito de americanidade, que se manifesta paralelo à construção da nacionalidade literária brasileira [...] (2004, p. 99) Essa estrita relação justifica as características muito próximas entre americanidade e nacionalismo, contudo, perceberemos no decorrer deste estudo que a americanidade, no período mencionado, tem o nacionalismo como um de seus traços, mas não se restringe só a ele e apresenta outras características ligadas ao sentimento continental. Sendo a americanidade mais abrangente, deu suporte para que nossos escritores tomassem um posição consciente em relação à construção da literatura nacional.

No recente trabalho de Cote, publicado em português em 2008, encontramos a síntese não do conceito de americanidade, mas das dificuldades de conceituação do termo marcadas pelo hibridismo cultural e o cosmopolitismo da América.

[...] Da forma como vejo, o conceito de americanidade apresenta o caráter de uma realidade em movimento – logo, de uma realidade dialética, dando conta de uma evolução sócio-histórica que se constrói através de expressões simbólicas diversas, polifônicas, polissêmicas, de encontros e de contradições, sejam elas polêmicas ou agonísticas, evolução essa, por outro lado, hoje sempre aberta a diversas possibilidades de determinação. (CÔTE, 2008, p.13)

Na conclusão de seu trabalho, Côté deixa claro que o conceito de americanidade carrega consigo uma tensão muito forte, a de uma busca de identidade de uma América ainda em formação e o reconhecimento de nós mesmos enquanto americanos, sem se esquecer que tal conceito dificilmente dará conta do hibridismo da América.

[...] Hoje podemos, sem dúvida, conceber que a identidade continental formou-se, e continua a formar-se, à imagem deste continente, atravessado por tantas e numerosas culturas que se torna realmente difícil aceitar que um hibridismo de conjunto possa finalmente lhe fornecer uma

expressão que saiba reconhecer, adequadamente o aporte de cada uma dentre elas; mas talvez aí esteja uma falsa expectativa, e talvez a riqueza do hibridismo constitutivo de todas as expressões culturais das Américas encontre nesse ponto mesmo sua única justificativa. [...] (CÔTE, 2008, p. 37)

O contexto histórico do Romantismo brasileiro foi um campo propício para expressão da americanidade, momento este em que os intelectuais brasileiros buscavam a construção de uma identidade nacional.

O Romantismo brasileiro foi sem dúvida o período em que o nacionalismo esteve presente de forma mais vigorosa. Impulsionado pela recente independência (1822) esperava-se que o Brasil se emancipasse em todas as esferas, inclusive na literária. Todos os esforços se uniam para a criação de uma nação.

Em favor de nossa emancipação mental, em 1836 é lançada a *Niterói, revista brasiliense de ciências e artes*, que tinha como epígrafe a frase “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”. Na revista eram publicados textos sobre economia, política, ciências, literatura nacional e artes. Vale a pena ressaltar que a natureza política da revista sobressaía a todas as outras, e procurava mostrar ao mundo os avanços que fazíamos em todas as áreas do conhecimento.

Outros dois periódicos foram lançados, o *Minerva Brasiliense* (1843) e a *Guanabara*, com preceitos muito próximos da primeira. O *Minerva* marcado pela presença do progresso da nação, enquanto a *Guanabara*, mais conservadora.

Nacionalismo romântico e orgulho de ser americano, expressos pela representação da cor local, valorização da natureza, heroicização do autóctone dentre outros recursos foram sugeridos pelo francês Ferdinand Denis e pelo português Almeida Garrett, aos jovens escritores brasileiros Gonçalves de Magalhães, Manoel de Araújo Porto Alegre e Francisco Salles Torres Homem, que editaram, em Paris, a já citada *Niterói, Revista Brasiliense*. Denis e Garrett reconheceram o talento dos brasileiros e indicaram-lhes novos temas, incentivando-os a abandonarem os velhos modelos europeus.

Ferdinand Denis que estivera no Brasil, entre 1816 e 1819, foi fundamental, com suas publicações, para a criação principalmente do indianismo romântico. Seus trabalhos serviram como exemplos de descrição da natureza americana, contribuindo para fundar uma teoria da literatura brasileira nos moldes românticos, conforme registro de Antônio



Cândido no seu clássico ensaio historiográfico sobre os momentos decisivos da formação da literatura brasileira (1971, v. 2, p. 319).

Almeida Garret também incentivou o desligamento da literatura brasileira da portuguesa. Foi ele o primeiro a se dedicar à poesia de língua portuguesa, pois estudava a obra de poetas das colônias e ex-colônias desconhecidos.

Garret enaltecia os escritores como Santa Rita Durão, Basílio da Gama e Souza Caldas que, para ele, estavam no caminho da autonomia em relação a Portugal. Para o escritor português, este caminho deveria ser marcado pelos temas nacionais e americanos. E critica os escritores árcades Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa por não recorrerem à natureza americana:

[...] a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e daí lhes vem uma afeição e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades. (ZILBERMAN e MOREIRA, 1998, p. 56-57)

Esta reverência às nossas origens, indicadas por estrangeiros foi bem recebida por nossos escritores que ansiosos por inaugurar uma literatura nacional, exploraram de todas as formas temas recorrentes à flora e à fauna, aos indígenas e a sua tradição religiosa e imaginativa.

É importante ressaltar que americanidade e nacionalismo estão muito próximos no período mencionado, mas não se confundem. O que nos parece é que a americanidade foi uma caminho encontrado por nossos escritores para chegar a um espírito nacional, um passo dado anteriormente, que tinha como objetivo se opor ao Velho Mundo e afirmar a posse do Novo Mundo para que depois, mais confiantes, pudessem dar continuidade ao projeto nacional.

Hélio Lopes, no ensaio “Cristóvão Colombo”, relaciona a exploração feita pelos escritores brasileiros da cor local à americanidade, ou como o autor define, americanismo, atribuindo a esta característica do nacionalismo romântico brasileiro o sentimento de orgulho e posse da América.

Quando os nossos poetas ou romancistas engrandecem a própria terra, reassumem a visão paradisíaca das crônicas e dos poemas dos séculos

coloniais, realçando ou acrescentando-lhes agora a melodia nova do orgulho do berço e da posse. (LOPES, 1997, p. 283)

Vale ressaltar, no entanto, que apesar dos grandes anseios e “boas intenções” de nossos escritores, não conseguiram desligar-se dos modelos europeus, mesmo sendo este o maior desejo do movimento. Se o Romantismo épico europeu se voltou para o medievo, exaltando também seus heróis e natureza, o brasileiro voltou o olhar para o momento equivalente da história do continente americano, então habitado pelos índios, daí a valorização da natureza exuberante e a heroicização do autóctone, descrito artificialmente com traços e gestos característicos dos nobres cavaleiros medievais do Velho Mundo. Ou seja, o nosso indígena heroicizado simplesmente “tirou a armadura e pôs o cocar”.

A experiência romântica, mesmo não tendo alcançado seu principal objetivo, foi de suma importância para a consolidação da literatura brasileira, na medida em que favoreceu o surgimento de escritores como Machado de Assis e estilos de época tão vigorosos como o Modernismo de 22. Neste sentido, convém registrar a observação feita por Bernardo Ricupero em *O Romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)* de que o Romantismo foi importante tanto para a consciência de construção da identidade nacional quanto para a sua ausência: [...] Prova do sucesso relativo dos românticos não está só nas identidades nacionais que se formaram com o tempo, mas na ausência dessas identidades anteriores (RICUPERO, 2004, p.37).

Ainda em “Cristóvão Colombo”, Hélio Lopes contribuiu para um melhor entendimento do que venha a ser o americanismo ou americanidade e a forma como ele se apresentou em nossa literatura no período romântico. A própria seleção lexical do crítico nos remete automaticamente a este período, evidenciando uma relação muito estrita entre o americanismo e o Romantismo.

[...] O americanismo, porém, ultrapassa as raias nacionais, abrangendo sobretudo a América Latina. Poderíamos distinguir dois ângulos: ainda o culto da natureza virgem e grandiosa, não necessariamente exótica em oposição à natureza européia, embora esta fisionomia se possa distinguir, e o culto dos heróis nacionais. Confluem estes dois ramos para a exaltação única da Liberdade. Tomamos então para nosso uso a cordilheira dos Andes, o condor e os vulcões. E chega-se a roubar o próprio nome da América para restringi-lo ao Brasil [...]. (LOPES, 1997, p.283)

Infelizmente, Lopes não reconhece uma só América, uma vez que considera o americanismo e os signos da americanidade como pertencentes às Américas hispânica, francesa e inglesa. No caso da América Lusa, trata-se de uma cópia, ou mesmo uma usurpação de signos característicos das demais, e até mesmo um roubo do “próprio nome da América para restringi-lo ao Brasil”.

Sobre isso, vale dizer que compartilhamos da mesma opinião de Cairo que, em *Breves considerações sobre o instinto de americanidade da crítica literária romântica brasileira* (2007), discorda do caráter “usurpador” do termo América, quando empregado pelos brasileiros, apontado por Lopes. O uso indiscriminado de América por Brasil e vice-versa reflete muito mais, em todas as ex-colônias do continente americano, uma tendência, continental européia, advinda da oposição entre Velho Mundo e Novo Mundo, como se costumava nomear os dois continentes.

Zilá Bernd, no ensaio já citado, faz uma colocação em relação ao uso das palavras “América” e “Americano” pelos escritores brasileiros durante o Romantismo, que confirma a opinião de Cairo, pois afirma que a utilização destes termos tem o caráter de oposição em relação à Europa.

“América” e “Americano” foram gradativamente substituídos por Brasil à medida que se consolidava o projeto nacional e que institucionalizar as letras brasileiras tornou-se uma urgência. Valeu enquanto significava oposição à Europa; quando os Estados Unidos passam a exercer influência sobre a América Latina, o interesse passa a ser o de se desvincular de um ideologema ambíguo em favor de um que representasse nossa identidade de maneira inequívoca como Brasil, brasilidade e brasileiro. (2003, p. 30)

A oposição entre o Velho e Novo Mundo na literatura foi uma constante nas obras românticas e foi percebida em teses escritas por jesuítas espanhóis expulsos da América, em que depreciavam o continente americano.

Os 2.500 jesuítas espanhóis expulsos da América, por sua vez, se dedicarão a refutar, na Europa, teses pouco simpáticas ao continente do qual eram elite intelectual. Entre essas teses, destacam-se as dos abades Georges Buffon e Cornelius De Pauw. O naturalista francês, que foi o primeiro em insistir na diferença entre animais do Velho Mundo e Novo Mundo, atribui a estatura menor da fauna americana ao fato de o continente ser novo e imatura. De Pauw, ao seu turno, assume postura oposta, argumentando que as pretensas características da América não são

resultado do fato de o continente ser novo, mas, pelo contrário, de sua antiguidade. A natureza e também o homem refletiriam, assim, a decadência da América. Para os adeptos dessas teorias, a prova irrefutável da superioridade do Velho sobre o Novo Mundo estaria na degenerescência de homens, animais e plantas européias quando transplantada para o outro lado do Atlântico. (RICUPERO, 2004, p. 31 e 32)

Ricupero ainda afirma que americanos, tanto do sul, quanto do norte, responderam a essas teses preconceituosas, apontando a História *Antigua de México*, de Francisco Javier Clavigero, como a mais significativa.

[...] Defende-se no livro a idéia de que o Novo Mundo os pássaros cantariam mais e melhor, as feras seriam tão bravas quanto ao Velho Mundo, os índios seriam fortes, inteligentes e bondosos. Mesmo o paganismo das tribos americanas não estaria tão afastado da superstição de alguns povos pretensamente civilizados.[...] (RICUPERO, 2004, p. 32)

Observamos que os elementos usados para a comparação entre os dois mundos estão refletidos no embate que se concretiza na literatura. A flora, a fauna, o autóctone, a religião nativa são os elementos utilizados por Clavigero para enaltecer o continente americano em face do europeu. Estes elementos também estarão presentes nas obras ficcionais, configurando a afirmação do Novo Mundo em relação ao Velho. Ricupero reconhece esta oposição nos dois maiores poemas indianistas brasileiros da época, *O Uruguai e Caramuru*.

[...] O primeiro, escrito em 1769, por José Basílio da Gama, tem como tema a luta dos portugueses e espanhóis contra os índios das missões jesuítas. Já o segundo, obra de José Santa Rita Durão, aparecida em 1781, narra o descobrimento da Bahia por Diogo Álvares.[...] (RICUPERO, 2004, p. 33)

Através desta oposição, nossa literatura buscava ser independente de Portugal e durante esta busca tomou para si o sentimento de pertencimento à América. Este sentimento

não nasceu de forma consciente em nossos escritores e sim instintiva, por isso, reconhecemos que as obras românticas expressam o instinto de americanidade.

Este instinto de americanidade é reconhecido pelo enaltecimento do nosso continente por meio da valorização dos elementos usados na tese de Clavigero como superiores aos do Velho Mundo e presentes no Romantismo brasileiro.

Côte, em seu ensaio já citado procura levar em consideração os dois lados desta ralação. O da América que na busca do desligamento dos colonizadores se apoiou na oposição a eles e o da Europa que entrou na modernidade a partir do amadurecimento e enriquecimento que tiveram as costas do Novo Mundo.

[...] a identidade das Américas é paradoxalmente 'periférica' àquela da Europa (digo paradoxalmente, pois é bem o Novo Mundo que gera essa 'nova Europa', uma situação que perdurará pelo menos até o séc. XIX), mas essa identidade das Américas, essa americanidade, participa intrinsecamente do fenômeno da modernidade. [...] (CÔTE, 2008, p. 17)

O uso da cor local, um dos traços que marcam este instinto, é representado pela presença da descrição da natureza, através da flora e fauna, o indianismo, a tradição imaginativa, que por sua vez, é a crença cultuada por um povo, é a superstição e fé em algo superior ao humano, o nacionalismo, o sentimento da posse e exaltação da América que nada mais é do que a referência explícita ao termo continental colocando o Brasil como parte integrante da América, ou mesmo a referência a características americanas, mas não especificamente brasileira (como algum animal, paisagem, não característico do Brasil), como se fosse.

Todos estes traços em *Americanas* perpassam pelo já mencionado hibridismo, Machado de Assis, sempre a frente de seu tempo, já em 1875 reconhece vários tipos de etnias que compõem o povo brasileiro, e mesmo quando fala do índio, etnia amplamente explorada no Romantismo, faz de uma maneira diversa, levando em consideração as mudanças que esse índio sofreu em contato com as outras etnias do imenso Brasil.

## CAPÍTULO 2: MACHADO DE ASSIS E O INSTINTO DE NACIONALIDADE

Como foi dito na introdução, o livro de poesias *Americanas* foi escolhido como *corpus* deste trabalho pela própria expectativa a que nos remete o título do livro e a relação que estabelece com o célebre ensaio de Machado de Assis “Breve notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (1873). Podemos ainda apontar um terceiro motivo, o de *Americanas* (1875) ser uma obra de menos prestígio que a prosa de Machado de Assis e por haver poucos estudos que se dediquem à referida obra.

O livro de poesias *Americanas* foi publicado em 1875, no Rio de Janeiro, pela editora Garnier, contendo treze poemas, sendo eles: “Potira”, “Niâni”, “A Cristã Nova”, “José Bonifácio”, “A visão de Jaciúca”, “A Gonçalves Dias”, “Os semeadores”, “A Flor do Embiruçu”, “Lua Nova”, “Sabina”, “Última Jornada”, “Os Orizes” e “Cantiga do Rosto Branco”. Sendo que o último poema foi excluído pelo próprio Machado de Assis da publicação de *Poesias Completas* (1901), por se tratar de uma tradução do poema “Chanson de la chair blanche”, de Chateaubriand.

É conhecida a pouca importância que a maioria dos críticos deu à poesia de Machado de Assis, mas reconhecemos que o estudo de seus poemas é muito importante pela relação que tem com o processo criativo do escritor. A produção poética em questão apresenta pontos muito interessantes, pois além da americanidade, ela tem vigorosa relação com a crítica praticada por Machado de Assis, com as opiniões que a crítica literária tinha em relação à obra machadiana. Podemos afirmar também que este livro pode desvendar muitas questões em relação à atuação de seu autor no Romantismo, momento em que se desenvolvia a consciência da formação da nossa literatura.

Celso Leopoldo Pagnan em sua tese de Doutorado intitulada *Indianismo Revisitado: Machado e Alencar*, percebe a importância de *Americanas* e aponta alguns estudos que julga necessários sobre o livro em questão:

[...] Seria necessário fazer um estudo mais aprofundado sobre a influência que exerceu particularmente esse livro no contexto da literatura brasileira. Ainda que não tenha sido muita como aconteceu com outros livros do mesmo escritor, o leitor crítico deve perceber a intencionalidade que teve o autor ao publicar o livro. Pode-se pensar no livro como uma resposta

aos que acusavam o autor de ser pouco nacional, de não expressar-se de modo explicitamente nacional, mas também meio de afirmar uma poética nacional sem radicalismos ou partidarismo doutrinário. (PAGNAN, 2002, p.179)

## 2.1. AMERICANAS (1875), RESPOSTA À CRÍTICA EM VERSOS.

A intenção machadiana com a publicação em 1875 de *Americanas* de Machado de Assis nos parece ter sido a de responder à crítica.

É sabido que Machado de Assis buscava em suas obras tratar do homem, de sua essência, sempre voltado à universalidade literária.

Mas alguns de seus contemporâneos, dentre eles Luís Guimarães Junior, não concordava com a sua escolha de temas e repertório utilizado, chegando a acusá-lo de não usar da cor local. Araripe Junior (1971, p. 223), além de dizer que Machado de Assis “(...) manifesta preferência que vota ao grito da cigarra de Anacreonte sobre o melodioso canto do sabiá”, afirma que ele se prendeu demais à forma em seus versos e que por esse motivo a imaginação “não corre solta”.

Apesar da crítica contrária, Machado de Assis sempre teve uma consciência muito equilibrada de seu papel enquanto escritor, mesmo quando alguns críticos da época não o interpretavam corretamente.

Desde seus primeiros anos como escritor, Machado de Assis já se mostrava preocupado com os assuntos relacionados à emancipação da literatura brasileira, em “Instinto e Consciência de Nacionalidade” de Astrojildo Pereira, um dos textos do livro *Machado de Assis: Ensaio e Apontamentos Avulsos*, podemos comprovar tal afirmação:

[...] Seus biógrafos, desde Pujol, apontam o artigo ‘O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura’, publicado em 1858, na ‘Marmota’ de Paula Brito, como um primeiro e sério sinal de tais preocupações, sobretudo em relação ao problema central da ‘emancipação de nosso espírito literário’. (PEREIRA, 1959, p.60)

É importante lembrar que Machado de Assis iniciou como escritor em pleno Romantismo e suas primeiras composições estavam marcadas pela tradição literária desse

período que privilegiava a poesia. Aos poucos, Machado foi aprofundando seus temas e ousando em gêneros como a crônica e o conto.

Sobre a intenção de Machado de Assis em responder à crítica de não usar da cor local Raimundo Magalhães Junior, em *Vida e Obra de Machado de Assis*, observa:

Mas não há dúvida de que o moderado indianismo em que se engajou fora o resultado da crítica em que seu amigo Luiz Guimarães Junior, referindo-se às poesias das *Falenas*, lhes censurava o desinteresse pelos temas nacionais. (...) A reação de Machado fora tão imediata que, saindo essa crítica em fevereiro de 1870, já a 29 de junho de mesmo ano iniciava a publicação de 'Potira' no *Jornal do Comércio*, com o subtítulo de 'Fragmentos de uma elegia americana.[...] (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p. 168)

Talvez a intenção machadiana com a publicação de *Americanas*, obra em que reuniu seus versos mais românticos, fosse ganhar mais visibilidade do que seus textos publicados esparsamente em jornais e revistas. Os poemas "Potira", "José Bonifácio", "Os Orizes" foram publicados antes de 1875, os dois primeiros no *Jornal do Comércio* e o último na revista *Instrução Pública*, tinham o mesmo tom dos poemas "americanos" iam ao encontro do gosto romântico, cantavam índios e a natureza brasileira, mesmo assim a crítica fazia vistas grossas, recaindo sempre na mesma opinião sobre a obra de Machado de Assis: o descomprometimento do escritor com o nacional.

Com *Americanas*, Machado de Assis mostra que pode escrever como os demais, não tendo assumido, porém, esta tendência como única vertente de seu trabalho, porque tem outros projetos para a literatura nacional.

No contato com as próprias palavras do autor da "Advertência" à primeira edição de *Americanas*, percebemos que este texto poderia ser incluído em estudos que se dediquem à crítica, pois ele não tem somente o tom de uma apresentação, mas de trabalho crítico em relação ao nacional, ao indianismo, à cor local e também de resposta às críticas recebidas por Machado de Assis.

O título de *Americanas* explica a natureza dos objetos tratados no livro, do qual excluí o que poderia destoar daquela denominação comum.[...] Não se deve entender que tudo o que aqui vai seja relativo aos nossos aborígenes. Ao lado de 'Potira' e 'Niâni', por exemplo, quadros da vida



selvagem, há ‘Cristã Nova’ e ‘Sabina’, cuja ação é passada no centro da civilização. Algum tempo, foi opinião que a poesia brasileira devia estar toda, ou quase toda, no elemento indígena. Veio a reação, e adversários não menos competentes que sinceros, absolutamente o excluíram do programa da literatura nacional. São opiniões extremas, que, pelo menos, me parecem discutíveis. [...] Não as discutirei agora, que não é azado o ensejo. Direi somente que, em meu entender, tudo pertença à invenção poética, uma vez que traga os caracteres do belo e possa satisfazer as condições da arte. Ora, a índole e os costumes dos nossos aborígenes estão muita vez nesse caso; não é preciso mais para que o poeta lhes dê a vida da inspiração. A generosidade, a constância, o valor, a piedade hão de ser sempre elementos de arte, ou brilhem nas margens do Scamandro ou nas do Tocantins. O exterior muda; o capacete de Ajax é mais clássico e mais polido que o canitar de Itajubá; a sandália de Calipso é um primor de arte que não achamos na planta nua de Lindóia. Esta é, porém, a parte inferior da poesia, a parte acessória. O essencial é a alma do homem. [...] Das qualidades boas, e ainda excelentes, dos nossos índios, andam cheias de relações histórica. Era agreste e rudimentário o estado deles; medeia um abismo entre a taba de Uruçumirim e qualquer dos nossos bairros inferiores. Mas com todas as feições grosseiras de uma civilização embrionária, havia ali os caracteres de uma raça forte, e não comuns virtudes humanas. Montaigne, que lhes consagrou um afetuoso capítulo, enumera o que achou neles de grande e bom, e conclui com esta pontazinha de maliciosa ingenuidade: ‘*Mais quoi! Ils ne portent point de hault de chausses!*’ (ASSIS apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, P.166-8).<sup>1</sup>

O raciocínio e idéias expostas na “Advertência” são muito próximos do famoso ensaio e antes de adentrar nos versos já temos um adiantamento da discussão que se segue sobre a tensão entre *Americanas* e “Breve notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, pois percebemos que mesmo tratando do aborígine, Machado de Assis não se restringe só a ele, mas o inclui no que acreditava ser americano povos de outras etnias que entraram na formação do povo brasileiro.

Machado de Assis afirma sua posição em relação à emancipação da literatura brasileira por diversas vezes, na crítica que praticava e em *Americanas*, uma “crítica em versos”, pondo assim, em prática sua teoria. Quando tratou dos índios afirmava que era

---

<sup>1</sup> Os parênteses colocados no meio do texto indicam os comentários feitos por Raimundo Magalhães Junior entre trechos da transcrição da “Advertência”. Não sabemos se este texto é integral e se a continuidade dada por Magalhães Junior é a verdadeira, pois, não tivemos contato com o texto original de 1.875 e em todas as publicações seguintes este texto foi excluído, este é um dos motivos pelo qual optamos em transcrever todo o texto publicado por Magalhães Junior.

bom tratar deste assunto, visto que ele mesmo o fazia e, quando tratou de outros povos que julgava tão “americanos” quanto o autóctone, deu provas de que não só o índio era brasileiro ou americano.

## 2.2. DA CRÍTICA A *AMERICANAS* (1875).

*Americanas* é um livro que recebeu críticas discordantes, há quem o elogie e também quem o despreze como um livro medíocre.

As críticas contemporâneas a sua edição foram bastante otimistas. A primeira saiu na *Gazeta de Notícias*, em 11 de janeiro de 1876, escrita por Ferreira Araújo, sob o pseudônimo de Lulu Sênior. Na ‘Crônica Bibliográfica’ iniciada naquele dia, a assinatura foi apenas ‘L.’, abreviação do referido pseudônimo. Seu escrito, de início muito elogioso, aponta alguns pontos negativos, sendo o mais ressaltado o tom mediano dos poemas. Para ele os melhores poemas eram “Niâni” e “Cantiga do Rosto Branco”.

[...] As *Americanas* não careciam de trazer assinatura: não há frase, em que não se revele a bem caracterizada feição literária do escritor de *A mão e a Luva*, do poeta das *Falenas*; ninguém mais no Brasil escreveria livro igual. (FERREIRA apud MAGALHÃES, 1981, p. 172)

A segunda crítica as *Americanas* saiu no *Correio Paulistano* em 16 de janeiro de 1876, escrita por Carlos Ferreira. Foi republicada em *O Globo*, de Quintino Bocaiúva em 11 de fevereiro de 1876, sob o título de “*Americanas* – Poesias do Sr. Machado de Assis”.

Como em todas as outras produções do moço fluminense, nesta observa-se ainda a mesma inspiração calma e prudente, o mesmo cuidado e esmero na forma, a mesmíssima elegância e opulência da linguagem. (apud MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p.175)

Uma terceira crítica foi escrita por Salvador de Mendonça que morou nos Estados Unidos e escreveu para a revista *O Novo Mundo*. Seu primeiro parecer sobre *Americanas*

foi publicado em *O Globo*, jornal Argentino.

Machado de Assis, que também colabora para a revista em questão cobrou algumas vezes o parecer do colega, escreveu a Salvador de Mendonça em 15 de abril de 1875 dizendo que nada havia saído sobre *Americanas* no mês de março na *O Novo Mundo*, mas astuto, já agradecia o parecer que esperava sair no mês seguinte.

Na verdade, a nota cobrada só saiu em 25 de agosto de 1876, tão elogiosa como as primeiras.

Depois de a crítica ficar um longo tempo sem voltar a *Americanas*, Manuel Bandeira reconhece em “Sabina”, na introdução da *Obra Completa* de Machado de Assis (COUTINHO, 1997, v.3, p. 13), intitulada “O Poeta”, influência de Castro Alves; e considera os poemas “A Gonçalves Dias” e “A Flor de Embiruçu” os melhores do livro.

Em 1976, a editora Civilização Brasileira publica *Poesias Completas*, obra organizada pela Comissão Machado de Assis e composta por 21 grandes nomes da crítica literária brasileira. Entre eles estão Antônio Houaiss e Francisco de Assis Barbosa que afirmam que, em *Americanas*, “as influências alencarianas são nítidas” (HOUAISS et BARBOSA, 1976, p.15) principalmente na “Advertência” de 1875.

Em 1977, Roberto Schwarz em *Ao vencedor as batatas* (1992, p.166), também tece algumas considerações sobre o poema “Potira”. Através do “enredo” expresso em versos o autor vê uma possibilidade de exemplificar a dependência, uma das teorias defendidas no livro em questão. Segundo ele, a relação de dependência no poema é marcada pela ilusão romanesca, pois Sabina, mesmo sabendo de sua condição de escrava suspira pelo filho da casa, sem deixar de abordar as conseqüências dessa ilusão para a dependente.

[...] A moral não tarda: enquanto a cativa espera um filho, ‘[...] o coração do moço, tão volúvel como a brisa que passa ou como as ondas’ vai para uma donzela de sua classe, encontrada ‘num dos serões da corte’, com ele volta à fazenda, para atar ‘o laço conjugal’. Machado, em se tratando de uma escrava, diz o seu pensamento com menos rodeios: a esperança romanesca é especiosa. Serve aos caprichos do senhor, e desserve o dependente. (SCHWARZ, 1992, 166)

Mário de Andrade faz uma leitura apaixonada do poema "Última Jornada", sem deixar de dizer que é o único legado de *Americanas*, reconhece que “funde a tradição de uma linguagem castiça, mesmo levemente arcaizante, com a metrificação romântica”. (ANDRADE, 1978, p.98)

“Sabina”, uma das composições mais bem trabalhadas do livro é um dos poemas que compõe o capítulo “A Poesia”, de *Antologia e Estudos: Machado de Assis*, sendo um dos treze poemas escolhidos de toda a obra poética de Machado de Assis. É importante mencionar que o poema “A visão de Jaciúca” também faz parte do capítulo, mas somente “Sabina” foi comentado.

Na nota em que comenta “Sabina”, reconhece-se que “o poema chama também a atenção pela força demolidora com que Machado retrata a moral patriarcal e a justiça, satirizada como atributo ornamental da classe dominante” (BOSI, 1982, p.301). Afinal, neste poema que retrata a escravidão, a negra que se envolve com o patrão e não morre no fim como se espera das obras românticas. Machado de Assis aponta a hipocrisia da família burguesa, latifundiária que primava pela religiosidade, boa educação e ao mesmo tempo mantinha em suas propriedades a escravidão.

Já no final do século passado, em 1988, Ivan Teixeira dedicou algumas páginas de *Apresentação de Machado de Assis* (1988, p. 179) para tratar de *Americanas*. Apesar de considerar um livro que não representava nada de criativo para a literatura brasileira, em seu último parágrafo, o crítico reconhece o projeto machadiano exposto na “Advertência” de 1975, quando diz:

As americanas” de Machado são, assim, mulheres que atingiram feição de símbolo em nossa história, retomadas numa dimensão ao mesmo tempo lírica e heróica. No conjunto, o livro transmite a impressão de saga da formação de uma cultura, em que a mistura de povos assume feição característica. Nesse sentido, a obra ganha relevo significativo em nossa literatura, o qual tende a crescer se considerarmos sua estrutura fragmentada em segmentos isolados (os poemas), que se articulam numa unidade maior (a saga da cultura). (TEIXEIRA, 1988, p.179)

Quando Ivan Teixeira afirma que “o livro transmite a impressão de saga de uma cultura”, reconhece a eficiência do projeto machadiano em relação a esta obra. Machado de Assis, através dos poemas de *Americanas*, buscava dar conta de tudo o que tratasse do tema escolhido, sem se limitar a falar somente de índios, buscando todos as etnias que compunham o povo americano.

Mais recentemente, Cláudio Murilo Leal, em *Toda poesia de Machado de Assis* (2008) faz afirmação que vai à contra mão da maioria da crítica, que acusa Machado de Assis apresentar um indianismo tardio.

No período romântico, o sentimento nacionalista encontrou na figura do índio um emblema para representar o elemento autóctone, que pudesse contrapor-se aos valores e à etnia européia, principalmente aos portugueses. Essa apropriação poética da imagem idealizada do silvícola, como símbolo do herói nacional, encontrou seu expoente em Gonçalves Dias e, mais tarde, em Machado de Assis, poetas que, com rara habilidade, renovaram as contribuições de Basílio da Gama e Santa Rita Durão, aligeirando, inclusive, as pesadas estruturas dos poemas ‘Uruguai’ e ‘Caramuru’. (2008, p. 18)

Em resumo, não se pode atualmente continuar afirmando que *Americanas* é uma obra prima, assim como afirmam alguns críticos contemporâneos a Machado de Assis, por outro lado, não se pode afirmar que é uma obra medíocre. É um livro que cumpre seu objetivo no projeto em que seu escritor propôs ao escrevê-lo, responder às críticas sofridas e falar sobre os temas que julgava americanos.

### 2.3. O OLHAR CRÍTICO MACHADIANO A SUA OBRA.

Machado de Assis, desde muito cedo, se preocupava com a emancipação da literatura brasileira. Parece que, mesmo antes de amadurecer o gênio literário, o espírito crítico já era maduro suficiente para abordar assuntos elaborados referentes à literatura nacional.

Durante o Romantismo, primeiro momento em que nasce a preocupação com a emancipação nos escritores brasileiros para o desligamento da literatura européia, como

alguns de seus contemporâneos, românticos extremados que julgavam que falar de Brasil era falar somente de índios, Machado de Assis também sentiu a necessidade de uma literatura voltada às coisas do Brasil, ou melhor, às da América, como pode se perceber neste trecho da crônica “O Folhetinista”, publicada em 30 de outubro de 1859 em *O Espelho*:

[...] Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade muito difícil./ [...] ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa. (ASSIS, 1997, p.960)

Contudo, ainda podemos ir mais fundo na certeza de que para o autor de *Americanas* o momento romântico era decisivo. Quando da publicação da peça de teatro *Mãe* (1860), de José de Alencar, Machado teceu elogios ao autor que, para ele, era um dos primeiros que acordava para o nacional. Outro exemplo foram os elogios que fez à poesia de Castro Alves, chegando a dizer que a musa de Castro Alves tinha feição própria.

Machado, desde o início da carreira era contra a cópia, e qualquer autor que se esquecia de falar sobre ninfas e heróis europeus para tratar do que fosse nacional, para ele era uma vitória da literatura brasileira que acreditava que, como outras, podia se sustentar sozinha.

Em 1873, Machado de Assis publica seu famoso ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” em que, como já vimos negava o abuso da cor local, dizendo que talhava a imaginação dos autores, procurando apontar aos autores que só escreviam sobre índios que havia outras etnias no Brasil e outros assuntos tão brasileiros quanto o primeiro. Segundo Machado era chegado o momento dos escritores brasileiros superarem alguns temas e recursos já exauridos como: o tema do amor entre o índio e o branco, as guerras entre tribos, a descrição da flora e fauna, resumindo, o nativismo e o indianismo que muitos escritores recorriam por pensar que quanto mais falassem sobre esses temas, mais nacionais seriam.

Machado de Assis não pratica uma crítica de “mão única” neste artigo, pois ele mesmo tinha consciência de que também utilizou-se dos mesmos recursos em suas primeiras manifestações literárias.

A intenção de sua crítica, hoje já esclarecida, mas que à época foi mal interpretada é a percepção de que um momento de imprescindível importância para a consolidação de uma literatura “nacional”, ou pelo menos, do nascimento de um grupo intelectual engajado para que tal projeto se concretizasse havia acontecido. Mas, em 1873, Machado de Assis entende que é preciso aproveitar esse engajamento todo para a produção de uma literatura desligada dos arquétipos da literatura européia e para a superação da mesmice.

Maria Aparecida Junqueira em “Projeto estético-literário machadiano: uma visão preliminar”, texto do livro *Recortes Machadianos* (2008), reconhece a autenticidade do projeto literário de Machado de Assis e sua consciência em relação ao projeto literário nacional.

[...] A literatura brasileira será construída pelas especificidades, pelas fisionomias de cada escritor, Machado imprimiu-lhe a sua, sem com isso ser indiferente ao projeto de construção de uma literatura nacional, porém construída pela heterogeneidade das fisionomias. Daí a importância de reler o seu romantismo, de poder perguntar que romântico é Machado no projeto brasileiro, já que o Brasil não é condição, não é segurança necessária da nacionalidade literária.[...] (2008, p. 158)

Ele tinha um olhar mais panorâmico: incentivou a americanidade e a brasilidade da literatura no momento em que os autores brasileiros eram somente cópias dos europeus, e depois deste primeiro passo dado, entendia que não podíamos ficar por ali, que ainda tínhamos muitos outros temas a serem explorados e que a literatura brasileira deveria continuar caminhando rumo ao desenvolvimento.

Astrojildo Pereira reconhece que Machado viveu intensamente esta problemática e em 1875 publica *Americanas* como prova que podia sim escrever como a maioria dos autores românticos, mas que ele era muito mais dinâmico e podia ir além disso.

[...] Com a publicação das ‘Americanas’, em 1875, o poeta Machado de Assis daria o exemplo de como entendia que aquelas possibilidades podiam ser exploradas. Mas, ao terminar a sua análise do problema, o ensaísta adiantava que os nossos escritores de então já compreendiam ‘que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal’, e por isso não se limitava ‘a essa fonte de inspiração’. (PEREIRA, 1959, p. 69).

Desde o título este trabalho é próximo do ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, pois até a própria denominação do conceito de “instinto de americanidade” tem relação com o referido ensaio.

A investigação que norteia nosso trabalho tem como base a americanidade, sentimento que, no momento que Machado de Assis publica seus versos, Romantismo, apresenta-se de forma instintiva como observou Luiz Roberto Cairo. (CAIRO et OLIVEIRA, 2007, p. 21-32).

O estudioso da americanidade, baseando-se nas características levantadas por Machado de Assis quando não reconheceu uma literatura nacional independente e sim uma vontade instintiva nos escritores brasileiros em criar uma literatura nacional, percebeu que no Romantismo brasileiro houve movimento semelhante em relação a americanidade, denominando as expressões deste sentimento em tal período como “instinto de americanidade”.

[...] instinto de nacionalidade, expressão cunhada por Machado de Assis (1839-1908), no clássico ensaio ‘Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade’ (1873), para expressar ‘certo sentimento íntimo’. (2007, 22)

Desde o primeiro parágrafo do ensaio percebemos quão próximo está de *Americanas*, quando afirma ser a “vida brasileira e a natureza americana (...) farto manancial de inspiração” (ASSIS, 1997, 801).

O instinto de nacionalidade para Machado de Assis representa o “desejo” de criar uma literatura independente e brasileira, pois ela ainda engatinhava em relação à autonomia. De maneira parecida caminhava a americanidade, já que os autores românticos



desejavam tomar posse do continente americano, projeto que ficou só nos livros e na idealização, visto que até hoje, não nos sentimos americanos.

Um outro ponto da reflexão machadiana muito próxima de *Americanas* é o que trata da temática indianista e cor local. Como já observamos o ensaio em questão é uma resposta à crítica que julgava Machado de Assis averso aos temas nacionais.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea, é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local; doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. [...] (ASSIS, 1997, 803)

Neste ponto, *Americanas* também se concretiza como resposta a estas críticas, pois Machado de Assis compõe poemas de temas indianistas, pintados em cores locais, ou melhor, em cores que a maiorias dos escritores julgava expressar o local. Mas não restringiu sua obra americana a este tom e assunto. Tratou em seus poemas de várias outras etnias que ajudaram a compor o povo brasileiro bem como o brasileiro contemporâneo nos poemas “José Bonifácio” e “Gonçalves Dias”, fazendo com que a crítica e versos falassem das mesmas coisas em formas diferentes.

Assim como *Americanas* oferece campo fértil para o estudo da americanidade, acreditamos que também oferece “instinto de nacionalidade” já que em vários momentos no texto que trata da literatura nacional, Machado de Assis substitui a palavra nacional por americano, sendo também um texto interessante para uma nova análise, entre tantas leituras, a análise sob o “novo” olhar americano traria uma nova perspectiva ao ensaio.

Como acabamos de dizer, o ensaio em questão é muito conhecido e citado no meio acadêmico, enquanto os versos são pouquíssimos conhecidos, fruto desta situação um fato muito curioso vem acontecendo nestes seis anos em que estudamos o instinto de americanidade em *Americanas*. A relação estrita que se criou, entre *Americanas* e a opinião de seu autor, em relação à nacionalidade da literatura brasileira fez com que alguns vissem inconsistência na opinião crítica de Machado de Assis em relação à nacionalidade da literatura brasileira.

Na verdade é exatamente o oposto, *Americanas* seria como a versão poética da teoria apresentada em “Breve notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, pois como já foi dito, Machado de Assis praticou uma crítica de “mão dupla” neste artigo. Não negou a influência indígena, da flora e fauna, mas tentou abrir os horizontes temáticos dos nossos escritores. Como se observa na advertência do livro, ali os leitores encontrariam o que ele entendia por americano e não encontramos somente índios em suas poesia, pois algumas de suas peças se passam no centro da civilização.

Na obra de Machado de Assis encontramos a resposta a crítica que o acusava de não tratar do nacional.

Compreendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. [...] (ASSIS, 1997, 803)

Buscando responder essa pergunta levantada muitas vezes no decorrer de nosso trabalho, nos reportaremos as próprias palavras de Machado de Assis em seu célebre ensaio, na tentativa de provar mais uma vez que este gênio sempre teve consciência de seu projeto enquanto escritor.

### **CAPÍTULO 3: O INSTINTO DE AMERICANIDADE EM *AMERICANAS*, DE MACHADO DE ASSIS.**

Como o próprio Machado de Assis registra na “Advertência” a primeira edição, *Americanas* trataria de tudo que, do seu ponto de vista, tinha temática americana, sendo que sua visão americanista não se restringia somente aos indígenas, visto que algumas de suas peças se passavam no centro da civilização europeizada, outras, nas florestas selvagens. Assim, suas poesias retratavam as diversas etnias que ajudaram a compor o povo brasileiro, daí nos depararmos com índios, portugueses, judeus, africanos, povos de diferentes etnias.

Instigados por essa proposta machadiana de retratar o continente e o povo americano, fomos atraídos pelo estudo desta obra com projeto aparentemente tão diferente da parte mais famosa de sua obra.

Não encontraríamos melhor autor para representar a força da americanidade no Romantismo brasileiro, força que não vem de seu sucesso reconhecido atualmente, mas pelo contrário, do não reconhecimento de suas páginas românticas. Dessa forma, nosso trabalho acaba desmistificando a questão tão controversa de Machado de Assis não tratar do “nacional”<sup>2</sup> e ao mesmo tempo que adiciona um nome de peso aos estudos relativos à americanidade.

Neste capítulo será feita a operacionalização do conceito do instinto de americanidade por meio da análise dos poemas de *Americanas* (1875). Esta análise será norteadada pelo estudo da presença dos seguintes traços que delineiam tal instinto: cor local, indianismo, tradição imaginativa, nacionalismo e posse da América, negritude, sem nos esquecer do hibridismo, marca da americanidade geralmente identificada em obras mais próximas temporalmente, e que se faz presente nos versos do gênio no XIX.

Dos treze poemas que compõem o livro, selecionamos três para ilustrar os temas, o caráter híbrido e inusitado do livro, sendo eles: “Potira”, “A Cristã-Nova” e “Sabina”, sendo que os demais poemas também serão comentados no que apresentem de novidade, evitando, assim, repetições desnecessárias de questões recorrentes neles presentes.

---

<sup>2</sup> A palavra nacional empregada neste parágrafo, tem o sentido empregado pelos literatos românticos que acreditavam que o status de nacional era alcançado pela obra que tratasse do índio, da flora e fauna brasileira.

### 3.1. OS POEMAS INDÍGENAS E DE HOMENAGEM.

Optamos neste trabalho pela eleição de três poemas que consideramos os mais representativos do livro *Americanas* e como não devemos desconsiderar os demais, faremos uma apresentação breve e geral dos demais.

O primeiro dentre eles é o intitulado “Niâni”, composto por 196 versos, agrupados em 35 quartetos, divididos em cinco partes.

O poema traz duas epígrafes, sendo a primeira um trecho da *História dos Índios Cavaleiros* de F. Rodrigues Prado, o mote do poema: a história da mulher traída. Machado de Assis conserva da obra de Prado até mesmo o nome do marido, Panenioxe, alterando o da esposa de Nanine para Niâni. Sobre esta mudança aconselhou-se, em 1873, com o escritor Visconde de Taunay. A segunda epígrafe é de Dante: “...Che piagne/Vedova sola”, "Porque chora/ Viúva solitária"

O ponto mais interessante do poema é o da nomeação do escravo que encontra-se entre os versos 161 e 168. Nesta cena, Niâni toma a decisão de dar o nome do esposo a um escravo, decisão tomada depois de saber que seu marido estava se casando com outra mulher inferior a ela. A troca de nome pode significar para a personagem a morte de Panenioxe, seu esposo, para então, existir somente um Panenioxe, o ex-escravo. Uma segunda interpretação possível para esta passagem é a de que Niâni deu o nome Panenioxe que pertencia ao seu marido, homem considerado guerreiro, filho de capitão, para um escravo, demonstrando que este nome não valia o que pensou valer.

O poema “Niâni”, apesar de ter uma temática indianista, mostra um índio europeizado, percebemos esta característica do índio machadiano desde o primeiro quarteto do poema em que o autor compara a história de Niâni às histórias de princesas européias.

O segundo poema, “José Bonifácio”, é composto por 44 versos, divididos em 11 estrofes.

Como já foi dito, o poema foi publicado antes de 1875, em sete de setembro, no *Jornal do Comércio*, sob o título de “À inauguração da estátua de José Bonifácio” e foi feito por encomenda do Sr. Comendador J. Norberto, à época presidente do Instituto Histórico, que promoveu a construção do monumento em homenagem a José Bonifácio.

O poema é uma homenagem a um “honrado cidadão”, como o denomina Machado de Assis, pelos seus feitos em relação à fundação do Império.

Os versos exaltam a figura do homenageado, reforçando que ele jamais seria esquecido. A ato mais louvável atribuído ao homenageado é o de ter participado ativamente do processo de independência do Brasil

Na nona estrofe, Machado de Assis faz referência direta à estátua que contribuirá para a perpetuação da memória de José Bonifácio. Mas à 11ª estrofe o eu-poético afirma que o tempo poderia até “varrer a fábrica robusta” (estátua), mas seu nome será perpetuado eternamente.

O terceiro poema, “A Visão de Jaciúca”, é composto por 172 versos distribuídos em onze partes assimétricas. O poema conta a história de Jaciúca, um chefe de uma tribo guerreira que decide não vingar a derrota em uma batalha, nem a morte de um dos seus guerreiros, Içaíba. Sua decisão é motivada por uma visão que tivera durante a noite, nela Içaíba o alertava sobre o extermínio de sua raça e conseqüentemente vitória dos povos inimigos que viriam a reinar na sua terra. Jaciúca mesmo desaprovado por seus guerreiros mantém sua decisão.

Apesar de não haver o contato entre o branco e o índio neste poema a premunição do resultado deste encontro altera o desenrolar dos acontecimentos.

O quarto poema, “Cantiga do Rosto Branco”, contém dezesseis quartetos. É uma composição indígena de uma tribo chamada Molocogulges, cuja primeira tradução é de autoria de Chateaubriand que lhe deu o título de “Chanson de la Chair Blanche”. Machado de Assis fez uma versão em português desta tradução. Talvez por este motivo o poema não conste nas *Poesias Completas*, por ele organizadas, em 1901.

O poema tem como tema central o índio e narra a história de um rico guerreiro apaixonado por uma bela índia. O casal vai morar junto e, à medida que as riquezas do companheiro diminuem, o amor da moça diminui, a ponto de traí-lo várias vezes.

O apaixonado, mesmo sabendo das traições, continuava a amá-la. Após muitas decepções ele decide abandoná-la. Depois de algum tempo volta, muito fraco e miserável, chamando-a de mãe, e lhe pede abrigo, a moça, por sua vez o despreza e o expulsa sem remorso.

O poema seguinte, “A Gonçalves Dias”, contém 143 versos distribuídos em nove partes. Manuel Bandeira, na introdução da *Obra Completa*, da editora Aguilar (1997, 13), afirma que é uma das “melhores peças das *Americanas* é a nênia da virgem indiana no poema consagrado a Gonçalves Dias com seu famoso estribilho: Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!/ Virgem da mata, suspirai comigo!”.

O poema é uma homenagem a Gonçalves Dias, poeta romântico que cantou os índios e a natureza do Brasil e influenciou o estilo machadiano na obra em questão.

O poema traz duas epígrafes, uma do próprio homenageado, três versos de *Últimos Cantos* (1851): “Ninguém virá, com titubeantes passos,/ E os olhos lacrimosos, procurando/ O meu jazigo...”. A segunda epígrafe é um verso do V canto de *Uruguai* (1769) de Basílio da Gama: “Tu, vive e goza a luz serena e pura,/”. As duas epígrafes já adiantam o poema se tratar de uma homenagem póstuma ao autor.

Na primeira estrofe do poema, Machado de Assis nos conta que Gonçalves Dias, vivendo em Portugal, só conseguiu vencer as saudades da pátria com a ajuda das lembranças do que aqui viveu.

Lá da Europa, Dias voltava seu olhar para América e de Portugal contava a história dos Timbiras, tribo indígena brasileira. Gonçalves Dias vivia em Portugal, atormentado pela saudade de sua terra, vindo a falecer longe dela, sem o choro de seu povo.

A nênia, canto fúnebre, citada por Manuel Bandeira, aparece na quarta estrofe, trecho pronunciado por uma virgem indiana. O estribilho é repetido em todas as estrofes seguintes pelo sabiá-da-praia, pelo guerreiro tamoio, por Coema (personagem indígena de *Os Timbiras* – 1857) e pelo piaga ou pajé.

Machado de Assis narra a partir da quinta estrofe, que apesar do poeta não ter visto as lágrimas do seu povo, a tristeza foi grande em sua pátria que ainda hoje suspira a morte do cantor dos guerreiros indígenas.

Da oitava à última estrofe, o poeta ressalta o valor de Gonçalves Dias para a literatura brasileira, poeta que deixou vivo em sua obra os índios americanos.

O seguinte poema, “Os Semeadores”, possui 24 versos distribuídos em quatro partes. Foi publicado, pela primeira vez, em *Americanas*, em 1875. Registramos diferenças entre a edição do poema feita em 1976, pela Civilização Brasileira, e a de 1997, da Nova Aguilar.

Em *Machado de Assis Obra Completa* da Nova Aguilar, o poema apresenta 24 versos divididos em uma oitava e quatro quadras, com rimas alternadas. Já na edição da *Civilização Brasileira*, os versos são agrupados em seis quadras. Atentando para a rima do poema, percebemos que a divisão da *Civilização Brasileira* parece mais coerente porque nela encontramos um esquema de rima que se repete em cada quadra.

No início do poema, logo abaixo do título, encontramos entre parênteses uma referência temporal: “século XVI”, período de descobrimento pelos portugueses e desbravamento do Brasil.

“Os Semeadores” traz como epígrafe, o versículo três do capítulo XII, do livro de Matheus: “...Eis aí saiu o que semeia a semear...”, que já adianta o assunto do poema, que tratará do trabalho dos “homens de Deus” (padres, bispos, monges) na civilização do “Novo Mundo”. A palavra “semear” no sentido bíblico, vem ligada ao espalhar a palavra de Deus e esta era a missão dos padres: semear na América os preceitos cristãos para expandir a religião católica.

O que é acrescentado pelos versos é que estes homens não semearam só a palavra de Deus, convertendo os índios ao catolicismo, cultivaram também a terra agreste e selvagem.

Na nota “Z” das *Poesias Completas* (1901), Machado de Assis assumiu ter se inspirado nos escritos de Ferdinand Denis sobre o trabalho dos jesuítas no Brasil em *Le Brésil*<sup>3</sup> para compor os versos de “Os Semeadores”.

O seguinte poema, “A Flor de Embiruçu”, é composto por nove quartetos. Como a maioria dos poemas do livro, este também traz uma epígrafe: “Noite, melhor que o dia, quem não te ama?” do escritor português Filinto Elysio.

Em “A Flor de Embiruçu”, há o embate entre o dia e a noite, sendo o dia negativo e a noite positiva. Este recurso do embate entre as fases do dia também está presente nos poemas “A Cristã-Nova”, e “José Bonifácio”.

Em “A Flor de Embiruçu” é cantada a bela flor que dá título ao poema. Esta flor só desabrocha durante a noite que sendo o lado positivo da antítese é o momento em que tudo que é mal, mesquinho e agitado dorme.

O próximo poema, “Lua Nova” é composto por 48 versos divididos em seis oitavas. O poema, assim como “A Flor de Embiruçu”, trata da noite, mais precisamente, da lua e

---

<sup>3</sup> DENIS, Ferdinand. *O Brasil*. Salvador: Livraria Progresso, 1955, 2.v.

como o próprio título já diz, conta o acontecimento desta fase da lua, que para os índios é Jaci, deusa a quem neste período, os índios costumam pedir boa sorte.

Machado descreve os pedidos feitos à lua pelo guerreiro, pela jovem índia e pelo idoso, estes pedidos representam os desejos da tribo em geral. O primeiro pede à lua que o faça um bom caçador e não deixe nenhum inimigo o derrubar. A segunda, a jovem índia, que não lhe falte comida para alimentar o guerreiro que venceu a batalha e por quem está apaixonada e por último o velho índio pede uma longa vida para que possa ver seus netos guerreiros derrotarem os inimigos.

Na última estrofe do poema, Machado nos diz que todos ficavam felizes após os pedidos porque acreditavam que seriam atendidos.

O nono poema, “Última Jornada”, é composto por 113 versos, agrupados em tercetos e divididos em duas partes.

Mário de Andrade, em *Aspectos da Literatura Brasileira*, considerou este poema que trata do destino das almas após a morte uma obra prima, para ele, a única composição que foge à mediocridade de *Americanas*.

Talvez a mediocridade geral das *Americanas* tenha impedido à crítica salientar a beleza altíssima de *Ultima Jornada*. E é mesmo estranho que o poeta numa época e dentro de uma temática que só lhe deram poesia frágeis, tenha de repente alçado tamanha força de ideação lírica e forma poética tão lapidar. Na forma, sempre é certo que já construía por esse tempo fortes e sonoros versos, porém nunca os fez mais belos e perfeitos que nesse poema. Nem mesmo nas *Ocidentais*. (ANDRADE, 1993, p. 60)

Na parte I, é narrada a história de um casal indígena separados pela morte. Após a morte a alma da índia vai para o céu e a do guerreiro para o inferno e na parte II há o detalhamento dos fatos que levaram um ao inferno e o outro ao céu.

A índia que conheceu o guerreiro na casa de seus pais e tendo-se apaixonado, resolveu fugir com o amado. Quando o amor acaba, a índia retorna à casa de seus pais, e o índio revoltado se vinga, matando a companheira e suicidando-se em seguida.

Mário de Andrade, na obra já citada, aponta a presença do episódio de Paolo e Francesca, da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri nos versos de “Última Jornada”.



No último poema, “Os Orizes”, composto por 128 versos divididos em cinco partes, que tem seu título originado da palavra tupi “Oriz”, nome de uma tribo indígena selvagem da região da Bahia, cujos guerreiros vivem exclusivamente para caçar e lutar. Esses índios não construíam tabas (moradia), não plantavam, viviam em grutas ou debaixo de árvores e comiam suas caças e frutos. Não cultuavam Tupã, nem outro deus e tinham o costume de matar seus prisioneiros de guerra. Estes sacrifícios aconteciam em dia de festa, quando eles dançavam e cantavam. Machado de Assis descreve a tristeza do chefe da tribo, o único tomado por tal sentimento.

Nos versos do canto V é especulado qual o motivo da tristeza do chefe e o eu poético reforça o desconhecimento de motivos para tal tristeza, visto que o índio destemido e mais forte entre todos deveria ser feliz.

Em relação à metrificação, há a predominância de versos decassílabos, muito usados no Romantismo brasileiro, há também a presença do heróico quebrado e de redondilhas, metros não usados convencionalmente neste período.

Em “Niâni” o uso da redondilha, ritmo tão popular e de grande musicalidade, dá o tom de conto<sup>4</sup> cantado, propiciando ao poema uma leveza que contrasta com a trama pesada. Deste contraste que se cria se sobressai a invenção poética, o faz-de-conta, como se Machado de Assis tivesse criado esta história como uma versão brasileira dos contos europeus de princesas, o que destoa em certo ponto dos demais poemas do livro que buscam ligação concreta com o real.

Estes dez poemas poderiam dividir-se em dois tipos: os em homenagem e os sobre indígenas.

Os três poemas em homenagem são: “A Gonçalves Dias”, “José Bonifácio” e “Os Semeadores”. Os dois últimos são marcados pelo patriotismo e pelo tom declamatório e derramado. Já o primeiro também marcado pelo nacionalismo é mais lírico, canta em pormenores a morte do escritor e, em oposição aos outros dois, possui um tom de dor e tristeza.

Nos demais poemas, os sobre indígenas, podemos destacar “Niâni”, que se distingue por sua sonoridade, enquanto os poemas “A Visão de Jaciúca” e “Última Jornada” se

---

<sup>4</sup> A palavra conto é empregada neste parágrafo no sentido estrito de “contos de princesas”, já que no próprio poema o autor procura aproximar a história indígena dos contos de princesas européias.

aproximam por tratar mais de perto a questão do sobrenatural indígena. “A Flor de Embiruçu” e “Lua Nova” demonstram a preferência indígena pela noite e as crenças no poder da lua. Por último, temos “Os Orizes”, a denominação deste poema como fragmento levanta a questão do porquê de Machado de Assis publicar em 1875 uma poema não terminado e escolher pela permanência dele na reunião de seus versos em 1901. Afinal, por que não terminá-lo para edição de 1901?

Ao nosso ver esta escolha foi proposital, faz sentido que o único poema que não faz referência ao contato com o branco fique suspenso, para que o leitor imagine como seria este final se não tivesse acontecido este encontro.

Evidente que o instinto de americanidade não se faz presente somente nos versos eleitos para receber um olhar mais cuidadoso, simplesmente representam estes dez poemas que expressam todas as marcas que o instinto de americanidade apresenta no Romantismo, exceto a negritude.

Nestas composições são fortes a presença do indianismo, do nacionalismo, da tradição imaginativa dos indígenas, do culto ao herói nacional e do orgulho da posse da terra americana. Este último traço é reconhecido em “Niâni”, quando estende nosso território ao Paraguai, não na intenção de estender o território brasileiro, mas de expressar que fazemos parte de um mesmo território, a América.

Leva o Paraguai as águas,  
Leva-as no mesmo correr,  
E as aves do campo  
Como usavam de descer. (ASSIS, 1997, 108)

Ou quando em “A Gonçalves Dias” homenageia o poeta americanista:

Mas tu, cantor da América, roubado  
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube  
Na terra em que primeiro houveste o lume  
Do nosso sol, achar o último leito! (ASSIS, 1997, 131)

### 3.2. A ÍNDIA, A JUDIA E A NEGRA.

Optamos por usar o feminino neste subtítulo por se tratarem de mulheres, as personagens principais dos poemas que se seguem: Potira, Ângela e Sabina representam todas as americanas.

Machado de Assis, autor sempre atraído pelas mulheres, na prosa construiu personagens femininas muito elaboradas. Este fascínio pelos mistérios femininos não se restringiu à prosa, pois desde o título da obra em questão ele opta por usar o feminino, e em partes dos poemas coloca a mulher no plano principal dos versos.

A questão da escolha do título feminino e das protagonistas também femininas nos poemas mais representativos nos parece muito interessante, pela própria relação lingüística que existe entre a palavra América e a palavra mulher, ambas do gênero feminino.

O continente americano belo e jovem, onde reinava a esperança, o desejo de se desenvolver, de prosperar e povoar implicava em um símbolo que fosse tão belo, próspero e fértil. Machado de Assis optou pela mulher, pois viu nelas uma das responsabilidades no cenário americano, a de povoar, e a maior das riquezas da América, a miscigenação.

Optamos em trazer os poemas na íntegra, com a contagem de versos, para que a exemplificação da leitura possa ser mais dinâmica.

O primeiro poema desta tríade, “Potira” tem como protagonista uma mulher, uma índia cristianizada, que ao contrário do que esperaríamos de uma heroína índia, defende os preceitos cristãos e civilizados, como veremos nos versos a seguir, Machado de Assis inova ao recorrer ao indianismo, pois neste poema entraremos em contato com o índio transformado pelo domínio europeu.

#### POTIRA

...Os Tamoios, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendeu o capitão da empresa violar; resistiu valorosamente dizendo em língua brasílica: ‘Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiseres.’ Deu-se por afrontado o bárbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade.

Vasc., *Cr. da Comp. de Jesus*, liv. 3º.

## I

1 MOÇA CRISTÃ das solidões antigas,  
Em que áurea folha reviveu teu nome?  
Nem o eco das matas seculares,  
Nem a voz das sonoras cachoeiras,  
5 O transmitiu aos séculos futuros.  
Assim da tarde estiva às auras frouxas  
Tênuo fumo do colmo no ar se perde;  
Nem de outra sorte em moribundos lábios  
A humana voz expira. O horror e o sangue  
10 Da miseranda cena em que, de envolta  
Coos longos, magoadíssimos suspiros,  
Cristã Lucrecia, abriu tua alma o vôo  
Para subir às regiões celestes,  
Mal deixada memória aos homens lembra.  
15 Isso apenas; não mais; teu nome obscuro,  
Nem tua campa o brasileiro os sabe.

## II

17 Já da fêrvida luta os ais e os gritos  
Extintos eram. Nos baixéis ligeiros  
Os tamoios incólumes embarcam;  
20 Ferem coos remos as serenas ondas  
Até surgirem na remota aldeia.  
Atrás ficava, lutuosa e triste,  
A nascente cidade brasileira,  
Do inopinado assalto espavorida,  
25 Ao céu mandando em coro inúteis vozes.  
Vinha já perto rareando a noite,  
Alva aurora, que à vida acorda as selvas,  
Quando a aldeia surgiu aos olhos torvos  
Da expedição noturna. À praia saltam  
30 Os vencedores em tropel; transportam  
Às cabanas despojos e vencidos,  
E, da vigília fatigados, buscam  
Na curva leve rede amigo sono,  
Exceto o chefe. Oh! esse não dormira  
35 Longas noites, se a troco da vitória  
Precisas fossem. Traz consigo o prêmio,  
O desejado prêmio. Desmaiada  
Conduz nos braços trêmulos a moça  
Que renegou Tupã, e as rudes crenças  
40 Lavou nas águas do batismo santo.  
Na rede ornada de amarelas penas  
Brandamente a depõe. Leve tecido  
Da cativa gentil as formas cobre;  
Veste-as de mais a sombra do crepúsculo,

45 Sombra que a tibia luz da alva nascente  
De todo não rompeu. Inquieto sangue  
Nas veias ferve do índio. Os olhos luzem  
De concentrada raiva triunfante.  
Amor, como ele, aspérrimo e selvagem,  
50 De ternura, ou já sôfrego desejo;  
Amor, como ele, aspérrimo e selvagem,  
Que outro não sente o herói.

### III

53 Herói lhe chamam  
Quantos o hão visto no fervor da guerra  
55 Medo e morte espalhar entre os contrários  
E avantajar-se nos certos golpes  
Aos mais fortes da tribo. O arco e a flecha  
Desde a infância os meneia ousado e afouto;  
Cedo aprendeu nas solitárias brenhas  
60 A pleitear às feras o caminho.  
A força opõe à força, a astúcia à astúcia.  
Qual se da onça e da serpente houvera  
Colhido as armas. Traz ao colo os dentes  
Dos contrários vencidos. Nem dos anos  
65 O número supera os das vitórias;  
Tem no espaçoso rosto a flor da vida,  
A juventude, e goza entre os mais belos  
De real primazia. A cinta e a fronte  
Azuis, vermelhas plumas alardeiam,  
70 Ingênuas galas do gentio inculto.

### IV

71 Da cativa gentil cerrados olhos  
Não se entreabrem à luz. Morta parece.  
Uma só contração lhe não perturba  
A paz serena do mimoso rosto.  
75 Junto dela, cruzados sobre o peito  
Os braços, Anajê contempla e espera;  
Sôfrego espera, enquanto idéias negras  
Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe  
A mente de projetos tenebrosos.  
80 Tal no cimo do velho Corcovado  
Próxima tempestade engloba as nuvens.  
Súbito ao seio túrgido e macio  
Ansiosas mãos estende; inda palpita  
O coração, com desusada força,  
85 Como se a vida toda ali buscasse  
Refúgio certo e último. Impetuoso  
O vestido cristão lhe despedaça,

E à luz já viva da manhã recente  
Contempla as nuas formas. Era acaso  
90 A síncope chegada ao termo próprio,  
Ou, no pejo ofendida, às mãos estranhas  
A desmaiada moça despertara.  
Potira acorda, os olhos lança em torno,  
Fita, vê, compreende, e inquieta busca  
95 Fugir do vencedor às mãos e ao crime...  
Mísera! opõe-se-lhe o irritado gesto  
Do aspérrimo guerreiro; um ai lhe sobe  
Angustioso e triste aos lábios trêmulos,  
Sobe, murmura e sufocado expira.  
100 Na rede envolve o corpo, e, desviando  
Do terrível tamoio os lindos olhos,  
Entrecortada prece aos céus envia,  
E as faces banha de serenas lágrimas.

## V

104 Longo tempo correrá. Amplo silêncio  
105 Reinou entre ambos. Do tamoio a fronte  
Pouco a pouco despira o torvo aspecto.  
Ao trabalhado espírito, revoltado  
De mil sinistros pensamentos, volve  
Benigna calma. Tal de um rio engrossa  
110 O volume extensíssimo das águas  
Que vão enchendo de pavor os ecos,  
Vencendo no arruído o vento e o raio,  
E pouco a pouco atenuando as vozes,  
Adelgaçando as ondas, tornam mansas  
115 Ao primitivo leito. Ei-lo se inclina,  
Para tomar nos braços a formosa  
Por cujo amor incendiara a aldeia  
Daquelas gentes pálidas de Europa.  
Sente-lhe a moça as mãos, e erguendo o rosto,  
120 O rosto inda de lágrimas molhado,  
Do coração estas palavras solta:  
  
122 'Lá entre os meus, suave e amiga morte,  
Ah! porque me não deste? Houvera ao menos  
Quem escutasse de meus lábios frios  
125 A prece derradeira; e a santa bênção  
Levaria minha alma aos pés do Eterno...  
Não, não te peço a vida; é tua, extingue-a;  
Um só alívio imploro. Não receies  
Embeber no meu sangue a ervada seta;  
130 Mata-me, sim; mas leva-me onde eu possa  
Ter em sagrado leito o último sono!'  
  
132 Disse, e fitando no índio ávidos olhos,  
Esperou. Anajê sacode a fronte,

Como se lhe pesara idéia triste;  
 135 Crava os olhos no chão; lentas lhe saem  
 Estas vozes do peito:  
   ‘Oh! nunca os padres  
 Pisado houvessem estas plagas virgens!  
 Nunca de um deus estranho as leis ignotas  
 140 Viessem perturbar as tribos, como  
 Perturba o vento as águas! Rosto a rosto  
 Os guerreiros pelejam; matam, morrem.  
 Ante o fulgor das armas inimigas  
 Não descora o tamoio. Assaz lhe pulsa  
 145 Valor nativo e raro em peito livre.  
 Armas, deu-lhas Tupã novas e eternas  
 Nestas matas vastíssimas. De sangue  
 Estranhos rios hão de, ao mar correndo,  
 Tristes novas levar à pátria deles,  
 150 Primeiro que o tamoio a frente incline  
 Aos inimigos peitos. Outra força,  
 Outra e maior nos move a guerra crua;  
 São eles, são os padres. Esses mostram  
 Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,  
 155 Sereno o rosto e as brancas mãos inermes;  
 Ordens não trazem de cacique alheio,  
 Tudo nos levam, tudo. Uma por uma  
 As filhas de Tupã correm trás eles,  
 Com elas os guerreiros, e com todos  
 160 A nossa antiga fé. Vem perto o dia  
 Em que, na imensidão destes desertos,  
 Há de ao frio luar das longas noites  
 O pajé suspirar sozinho e triste  
 164 Sem povo nem Tupã!’

## VI

165                                   Silenciosas  
           Lágrimas lhe espremeu dos olhos negros  
           Esta lembrança de futuros males.

168 ‘Escuta!’ diz Potira. O índio estende  
       Imperioso as mãos e assim prossegue:

170 ‘Também com eles foste, e foi contigo  
       Da minha vida a flor! Teu pai mandara,  
       E com ele mandou Tupã que eu fosse  
       Teu esposo; vedou-mo a voz dos padres,  
       Que me perdeu, levando-te consigo.

175 Não morri; vivi só para esta afronta;  
       Vivi para esta insólita tristeza  
       De maldizer teu nome e as graças tuas,  
       Chorar-te a vida e desejar-te a morte.  
       Ai! nos rudes combates em que a tribo

180 Rega de sangue o chão da virgem terra  
 Ou tinge a flor do mar, nunca a meu lado  
 Teu nobre vulto esteve. A aldeia toda,  
 Mais que o teu coração, ficou deserta.  
 Duas vezes, mimosas rebentaram  
 185 Do lacrimoso cajueiro as flores,  
 Desde o dia funesto em que deixaste  
 A cabana paterna. O extremo lume  
 Expirou de teu pai nos olhos tristes;  
 Piedosa chama consumiu seus restos  
 190 E a aldeia toda o lastimou com prantos.  
 Não de todo se foi da nossa vida;  
 Parte ficou para sentir teus males.  
 Antes que o último sol à melindrosa  
 Flor do maracujá cerrasse as folhas  
 195 Um sonho tive. Merencório vulto,  
 Triste como uma fronte de vencido,  
 Cor da lua os cabelos venerandos,  
 O vulto de teu pai': 'Guerreiro' (disse),  
 'Corre à vizinha habitação dos brancos,  
 200 Vai, arranca Potira à lei funesta  
 Dos pálidos pajés; Tupã to ordena;  
 Nos braços traze a fugitiva corça;  
 203 Vincula o teu destino ao dela; é tua.'

204 'Impossível! Que vale um vago sonho?  
 205 Sou esposa e cristã. Ímpio, respeita  
 O amor que Deus protege e santifica:  
 Mata-me; a minha vida te pertence:  
 Ou, se te pesa derramar o sangue  
 Daquela a quem amaste, e por quem foste  
 210 Lançar entre os cristãos a dor e o susto,  
 Faze-me escrava; servirei contente  
 Enquanto a vida alumiar meus olhos.  
 Toma, entrego-te o sangue e a liberdade;  
 Ordena ou fere. Tua esposa, nunca!  
 215 Calou-se, e reclinada sobre a rede,  
 Potira murmurava ignota prece,  
 Olhos fitos no próximo arvoredo,  
 218 Olhos não ermos de profunda mágoa.

## VII

219 Ó Cristo! em que alma penetrou teu nome  
 220 Que lhe não desse o bálsamo da vida?  
 Pelo vento dos séculos levado,  
 Vidente e cego, o máximo dos seres,  
 Que fora do homem nesta escassa terra,  
 Se ao mistério da vida lhe não desses,  
 Ó Cristo! a eterna chave da esperança?  
 Filosofia estóica, árdua virtude,



Criação de homem, tudo passa e expira.  
Tu só, filha de Deus, palavra amiga,  
Tu, suavíssima voz da eternidade,  
230 Tu perduras, tu vales, tu confortas.  
Nesta sonho iriado de outros sonhos,  
Vários como as feições da natureza,  
Nesta confusa agitação da vida,  
Que alma transpõe a derradeira idade  
235 Farta de algumas passageiras glórias?  
Torvo é o ar do sepulcro; ali não viçam  
Essas cansadas rosas da existência  
Que às vezes tantas lágrimas nos custam,  
E tantas mais antes do ocaso expiram.  
240 Flor do Evangelho, nuncia de alvos dias,  
Esperança cristã, não te há murchado  
O vento árido e seco; és tu viçosa  
Quando as da terra lânguidas inclinam  
O seio, e a vida lentamente exalam.  
245 Esta a consolação última e doce  
Da esposa indiana foi. Cativa ou morta,  
Antevia a celeste recompensa  
Que aos humildes reserva a mão do Eterno.  
Naquele rude coração das brenhas  
250 A semente evangélica brotara.

### VIII

251 Das duas condições deu-lhe o guerreiro  
A pior — fê-la escrava; e ei-la aparece  
Da sua aldeia aos olhos espantados  
Qual fora em dias de melhor ventura.  
255 Despida vem das roupas que lhe há posto  
Sobre as polidas formas uso estranho,  
Não sabido jamais daqueles povos  
Que a natureza ingênua doutrinara.  
Vence na gentileza às mais da tribo,  
260 E tem de sobra um sentimento novo,  
Pudor de esposa e de cristã — realce  
Que ao índio acende a natural volúpia.  
Simulada alegria lhe descerra  
Os lábios; riso à flor, escasso e dúbio,  
265 Que mal lhe encobre as vergonhosas mágoas.  
À voz de seu senhor acorre humilde;  
Não a assusta o labor; nem dos perigos  
Conhece os medos. Nas ruidosas festas,  
Quando ferve o cauim, e o ar atroa  
270 Pocema de alegria ou de combate,  
Como que se lhe fecha a flor do rosto.  
Já lhe descai então no seio opresso  
A graciosa fronte; os olhos fecha,  
E ao céu voltando o pensamento puro,

275 Menos por si, que pelos outros pede.  
Nem só o ardor da fé lhe abrasa o peito;  
Lacera-lho também agra saudade;  
Chora a separação do amado esposo,  
Que, ou cedo a esquece, ou solitário geme.  
280 Se, alguma vez, fugindo a estranhos olhos,  
Não já cruéis, mas cobiçosos dela,  
Entra desatinada o bosque antigo,  
E a dor expande em lóbregos soluços,  
Coo doce nome acorda ao longe os ecos,  
285 Farta de amor e pródiga de vida,  
Ouve-as a selva, e não lhe entende as mágoas.  
Outras vezes pisando a ruiva areia  
Das praias, ou galgando a penedia  
Cujos pés orla o mar de nívea espuma,  
290 As ondas murmurantes interroga:  
Conta ao vento da noite as dores suas;  
Mas... fiéis ao destino e à lei que as rege,  
As preguiçosas ondas vão caminho,  
294 Crespas do vento que sussurra e passa.

## IX

295 Quando, ao sol da manhã, partem às vezes,  
Com seus arcos, os destros caçadores,  
E alguns da rija estaca desatando  
Os nós de embira às rápidas igaras,  
À pesca vão pelas ribeiras próximas,  
300 Das esposas, das mães que os lares velam,  
Grata alegria os corações inunda,  
Menos o dela, que suspira e geme,  
E não aguarda doce esposo ou filho.  
Triste os vê na partida e no regresso,  
305 E nessa melancólica postura,  
Semelha a acácia langue e esmorecida,  
Que já de orvalho ou sol não pede os beijos.  
As outras... — Raro em lábios de felizes  
Alheias mágoas travam. Não se pejam  
310 De seus olhos azuis e alegres penas  
Os saís sobre as árvores pousados,  
Se ao perto voa na campina verde  
De anuns lutuoso bando; nem os trilos  
Das andorinhas interrompe a nota  
315 Que a juriti suspira. — As outras folgam  
Pelo arraial dispersas; vão-se à terra  
Arrancar as raízes nutritivas,  
E fazem os preparos do banquete  
A que hão de vir mais tarde os destemidos  
320 Senhores do arco, alegres vencedores  
De quanto vive na água e na floresta.  
Da cativa nenhuma inquire as mágoas.

Contudo, algumas vezes, curiosas  
Virgens lhe dizem, apiedando o gesto:

325 'Pois que à taba voltaste, em que teus olhos  
Primeiro viram luz, que mágoa funda  
Lhes destila tão longo e amargo pranto,  
Amargo mais do que esse que não busca  
Recatado silêncio?' E às doces vozes  
330 A cristã desterrada assim responde:

331 'Potira é como aquela flor que chora  
Lágrimas de alvo leite, se do galho  
Mão cruel a cortou. Oh! não permita  
O céu que ímpia fortuna vos separe  
335 Daquele que escolherdes. Dor é essa  
Maior que um pobre coração de esposa.  
Esperanças... Deixei-as nessas águas  
Que me trouxeram, cúmplices do crime,  
À taba de Tupã, não alumiada  
340 Da palavra celeste. Algumas vezes,  
Raras, alveja em minha noite escura  
Não sei que tibia aurora, e penso: Acaso  
O sol que vem me guarda um raio amigo,  
Que há de acender nestes cansados olhos  
345 Ventura que já foi. As asas colhe  
Guanumbi, e o aguçado bico embebe  
No tronco, onde repousa adormecido  
Até que volte uma estação de flores.  
Ventura imita o guanumbi dos campos:  
350 Acordará coas flores de outros dias.  
Doce ilusão que rápido se escoo,  
Como o pingo de orvalho mal fechado  
Numa folha que o vento agita e entorna.'  
E as virgens dizem, apiedando o gesto:  
355 'Potira é como aquela flor que chora  
Lágrimas de alvo leite, se do galho  
357 Mão cruel a cortou!'

## X

358 Era chegado  
O fatal prazo, o desenlace triste.  
360 Tudo morre — a tristeza como o gozo;  
Rosas de amor ou lírios de saudade,  
Tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo.  
Costeando as longas praias, ou transpondo  
Extensos vales e montanhas, correm  
365 Mensageiros que às tabas mais vizinhas  
Vão convidar à festa as gentes todas.  
Era a festa da morte. Índio guerreiro,  
Três luas há cativo, o instante aguarda

Em que às mãos de inimigos vencedores,  
370 Caia expirante, e os vínculos rompendo  
Da vida, a alma remonte além dos Andes.  
Corre de boca em boca e de eco em eco  
A alegre nova. Vem descendo os montes,  
Ou abicando às povoadas praias  
375 Gente da raça ilustre. A onda imensa  
Pelo arraial se estende pressurosa.  
De quantas cores natureza fértil  
Tinge as próprias feições, copiam eles  
Engraçadas, vistosas louçanias.  
380 Vários na idade são, vários no aspecto,  
Todos iguais e irmãos no herdado brio.  
Dado o amplexo de amigo, acompanhado  
De suspiros e pêssames sinceros  
Pelas fadigas da viagem longa,  
385 Rompem ruidosas danças. Ao tamoio  
Deu o Ibaque os segredos da poesia;  
Cantos festivos, moduladas vozes,  
Enchem os ares, celebrando a festa  
Do sacrifício próximo. Ah! não cubra  
390 Véu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos  
Destes polidos tempos! Rudes eram  
Aqueles homens de ásperos costumes,  
Que ante o sangue de irmãos folgavam livres,  
E nós, soberbos filhos de outra idade,  
395 Que a voz falamos da razão severa  
E na luz dos banhamos do Calvário,  
Que somos nós mais que eles? Raça triste  
398 De Cains, raça eterna...

## XI

399 Os cantos cessam.  
400 Calou-se o maracá. As roucas vozes  
Dos férvidos guerreiros já reclamam  
O brutal sacrifício. Às mãos das servas  
A taça do cauim passara exausta.  
Inquieto aguarda o prisioneiro a morte.  
405 Da nação guaianás nos rudes campos  
Nasceu. Nos campos da saudosa pátria  
Industriosa mão não sabe ainda  
Alevantar as tabas. Cova funda  
Da terra, mãe comum, no seio aberta,  
410 Os acolhe e protege. O chão lhes forra  
A pele do tapir; contínua chama  
Lhes supre a luz do sol. É uso antigo  
Do guaianás que chega a extrema idade,  
Ou de mortal doença acometido,  
415 Não expirar aos olhos de outros homens;  
Vivo o guardam no bojo da igaçaba,

E à fria terra o dão, como se fora  
Pasto melhor (melhor!) aos frios vermes.  
Do almo, doce licor que extrai das flores  
420 Mãe do mel, iramaia, larga cópia  
Pelos robustos membros lhe coaram  
Seis anciãs da tribo. Rubras penas  
Na vasta frente e nos nervosos braços  
Garridamente o enfeitam. Longa e forte  
425 A muçurana os rins lhe cinge e aperta.  
Entra na praça o fúnebre cortejo.  
Olhar tranqüilo, inda que fero, espalha  
O indomado cativo. Em pé, defronte,  
Grave, silencioso, ao sol mostrando  
430 De feias cores e vistosas plumas  
Singular harmonia, aguarda a vítima  
O executor. Nas mãos lhe pende a enorme  
Tagapema enfeitada, arma certa,  
Arma triunfal de morte e de extermínio.  
435 Medem-se rosto a rosto os dous contrários  
Cum sorriso feroz. Confusas vozes  
Enchem súbito o espaço. Não lhe é dado  
Ao vencido guerreiro haver a morte  
Silenciosa e triste em que se passa  
440 Da curva rede à fria sepultura.  
Meigas aves que vão de um clima a outro  
Abrem placidamente as asas leves,  
Não tu, guerreiro, que encaraste a morte,  
Tu combates! Vencido e vencedores  
445 Derradeiros escárnios se arremessam;  
Gritos, injúrias, convulsões de raiva,  
Vivo clamor acorda os longos ecos  
Das penedias próximas. A clava  
Do executor girou no ar três vezes  
450 E de leve caiu na grossa espádua  
Do arquejante cativo. Já na boca,  
Que o desprezo e o furor num riso entreabrem,  
Orla de espuma alveja. Avança, corre,  
Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço  
455 A muçurana, cujas pontas tiram  
Dous mancebos robustos. Nas cavernas  
Do longo peito lhe murmura o ódio,  
Surdo, como o rumor da terra inquieta,  
Pejada de vulcões. Os lábios morde,  
460 E, como derradeira injúria, à face  
Do executor lhe cospe espuma e sangue.  
Não vibra o arco mais veloz o tiro,  
Nem mais segura no aterrado cervo  
Feroz sucuriúba os nós enrosca,  
465 Do que a pesada, enorme tagapema  
A cabeça de um golpe lhe esmigalha.  
Cai fulminada a vítima na terra,

468 E alegre o povo longamente aplaude.

## XII

469 Na voz universal perdeu-se um grito  
470 De piedade e terror: tão fundo entrara  
    Naquela alma roubada à noite escura  
    Raio de sol cristão! Potira fuge,  
    Pelos bosques atônita se entranha  
    E pára à margem de um pequeno rio;  
475 Pousa na relva os trêmulos joelhos  
    E nas mimosas mãos esconde o rosto.  
    Não de lágrimas era aquele sítio  
    Ou só de doces lágrimas choradas  
    De olhos que amor venceu: — macia relva,  
480 Leito de sesta a amores fugitivos.  
    Da verde, rara abóbada de folhas  
    Tépida e doce a luz coava a frouxo  
    Do sol, que além das árvores tranqüilo,  
    Metade da jornada ia transpondo.  
485 Longe era ainda a hora melancólica  
    Em que a gerema cerra a miúda folha,  
    E o lume azul o pirilampo acende.  
    De pé, a um velho tronco descoroadado  
    Da copada ramagem, resto apenas,  
490 Vestígio do tufão, a índiana moça  
    Languidamente encosta o esbelto corpo.  
    Neste ameno recesso tudo é triste,  
    Porque é alegre tudo. Não mui longe  
    Um desfolhado ipê conserva e guarda  
495 Flores que lhe ficaram de outro estio,  
    Como esperança de folhagem nova,  
    Flores que a desventura lhe há negado,  
    A ela, alma esquecida nesta terra,  
    Que nada espera da estação vindoura.  
500 Olha, e de inveja o coração lhe estala;  
    Pelo tronco das árvores se enroscam  
    Parasitas, esposas do arvoredado,  
    Mais fiéis não, mais venturosas que ela.  
    Morrer? Descanso fora às mágoas suas,  
505 Mais que descanso, perdurável gozo,  
    Que a nossa eterna pátria aos infelizes  
    Deste desterro, guarda alvas capelas  
    De não murchandas e cheirosas flores.  
    Tal lhe falava no íntimo do peito  
510 Desespero cruel. Alguns instantes  
    Pela cansada mente lhe vagaram  
    De voluntária, abreviada morte  
    Lutuosas idéias. Mal compreende  
    Esses desmaios da criatura humana  
515 Quem não sentiu no coração rasgado

Abatimento e enojo; ou, do mais que isto,  
Esse contraste imenso e irreparável  
Do amor interno e a solidão da vida.  
Rápido espaço foi. Pronto lhe volve  
520 Doce resignação, cristã virtude,  
Que desafia e que assoberba os males.  
As débeis mãos levanta. Já dos lábios  
Solta nas asas de oração singela  
Lástimas suas... Na folhagem seca  
525 Ouve de cautos pés rumor sumido,  
Volve a cabeça...

### XIII

527 Trêmulo, calado,  
Anajê crava nela os olhos turvos  
Dos vapores da festa. As mãos inermes  
530 Lhe pendem; mas o peito — ó mísera! — esse,  
Esse de mal contido amor transborda.  
Longo instante passou. Ao fim: 'Deixaste  
A festa nossa (o bárbaro murmura);  
Misteriosa vieste. Dos guerreiros  
535 Nenhum te viu; mas eu senti teus passos,  
E vim contigo ao ermo. Ave mesquinha,  
Inútil foges; gavião te espreita,  
Minha te fez Tupã.' Em pé, sorrindo  
Escutava Potira a voz severa  
540 De Anajê. Breve espaço abria entre ambos  
Alcatifado chão. A fatal hora  
Chegara alfim? Não o perscruta a moça;  
Tudo aceita das mãos do seu destino,  
Tudo, exceto... No próximo arvoredo  
545 Ouve de uma ave o pio melancólico;  
Era a voz de seu pai? a voz do esposo?  
De ambos talvez. No ânimo da escrava  
Restos havia dessa crença antiga  
Antiga e sempre nova: o peito humano  
550 Raro de obscuros elos se liberta.

### XIV

551 'Nasceste para ser senhora e dona:  
Anajê não te veda a liberdade;  
Quebra tu mesma os nós do cativo.  
Faze-te esposa. Vem coroar meus dias;  
555 Vem, tudo esqueço. A frente do guerreiro,  
Adornada por ti, será mais nobre;  
Mais forte o braço em que pousar teu rosto.  
Sou menos belo que esse esposo ausente?  
Rudes feições compensa amor sobejo.  
560 Vem, tudo esqueço. A frente do guerreiro,

E, se inimiga frecha entrar meu seio,  
Morrerei a teus pés. Tens medo aos padres?  
Outro destino escolhe. Cauteloso,  
Tece o japu nos elevados ramos  
565 Das elevadas árvores o ninho,  
Onde o inimigo lhe não roube a prole.  
Ninho há na serra ao nosso amor propício;  
Viveremos ali. Troveje embaixo  
A inúbia convidando à guerra os povos;  
570 Leva de arcos transforme estas aldeias  
Em campos de combate — ou já dispersas  
As fugitivas tribos vão buscando  
Longes sertões para chorar seus males,  
Viveremos ali. Talvez, um dia,  
575 Quando eu passar à misteriosa estância  
Das delícias eternas, me pergunte  
Meu velho pai: ‘Teu arco de guerreiro  
Em que deserta praia o abandonaste?’  
579 Salvar-me-á teu amor do eterno pejo.’

## XV

580 Doce era a voz e triste. Rasos d’água  
Os olhos. Foi desmaio de tristeza  
Que o gesto dissipou da esquiva moça.  
Volve ao Tamoio vingativa idéia.  
— ‘Minha (diz ele) ou morres!’ Estremece  
585 Potira, como quando a brisa passa  
Ao de leve na folha da palmeira,  
E logo fria ao bárbaro responde:  
‘Jaz esquecida em nossas velhas tabas  
O respeito da esposa? Acaso é digna  
590 Do sangue do Tamoio esta ameaça?  
Que desvalia aos olhos teus me coube,  
Se a outro me ligaram natureza,  
Religião, destino? A liberdade  
Nas tuas mãos depus; com ela a vida.  
595 É tudo, quase tudo. Honra de esposa,  
Oh! essa debes respeitá-la! Vai-te!  
Ceva teu ódio nas sangrentas carnes  
Do prostrado cativo. Aqui chorando,  
Na solidão destes bosques mal fechados,  
600 Às maviosas brisas meus suspiros  
Entregarei; levá-los-ão nas asas  
Lá onde geme solitário o esposo.  
Vai-te!’  
E as mimosas mãos colhendo ao rosto,  
605 Alçou a Deus o pensamento amante,  
Como a centelha viva que a fogueira  
Extinta aos ares sobe. Imóvel, muda,  
Longo tempo ficou. Diante dela,



Que desafia e que assoberba os males  
610 Como ela imóvel, o tamoio estava.  
Amor, ódio, ciúme, orgulho, pena,  
Opostos sentimentos se combatem  
No atribulado peito. Generoso  
Era, mas não domado amor lhe dava  
615 Inspiração de crimes. Não mais pronto  
Cai sobre a triste corça fugitiva  
Jaguar de longa fome esporeado,  
Do que ele as mãos lançou ao colo e à frente  
Da mísera Potira. Ai! não, não diga  
620 A minha voz o lamentoso instante  
Em que ela, ao seu algoz volvendo ansiosa  
Turvos olhos: ‘Perdôo-te!’ murmura,  
Os lábios cerra e imaculada expira!

## XVI

624 Estro maior teu nome obscuro cante,  
625 Moça cristã das solidões antigas,  
E eterno o cinja de virentes flores,  
Que as mereces. De não sabido bardo  
Estes gemidos são. Lânguidas brisas  
No taquaral à noite sussurrando,  
630 Ou enrugando o mole dorso às vagas,  
Não tem a voz com que domina os ecos  
Despenhada cachoeira. São, contudo,  
Mas que débeis e tristes, no concerto  
Da orquestra universal cabidas notas.  
635 Alveja a nebulosa entre as estrelas,  
E abre ao pé do rosal a flor da murta.” (ASSIS, 1997, 93-107)

“Potira” é uma composição em decassílabos heróicos e sáficos, verso muito usado no Romantismo e também nos poemas narrativos. Quanto ao ritmo Machado de Assis, nestes versos, também faz uso do *enjambement*”, recurso em que há a quebra do segmento lógico em dois versos. Esta quebra causa certo estranhamento tanto sonoro, quanto visual e se configura em mais uma forma do autor extravasar a subversão presente na trama deste poema narrativo, conforme se pode constatar nos versos 08 – 10 e 509 – 511.

Machado de Assis compunha em versos clássicos, decassílabos, uma história dos índios brasileiros, pois, pretendia deixar num plano mais nítido a adequação do tipo de verso e ritmo para falar de um povo tão valorizado na literatura romântica. Entretanto uma vez e outra, quebra o espírito clássico dos versos com o recurso do *enjambement*, que além

de causar um estranhamento sonoro, aponta para o fato de que devemos esperar uma história indígena contada sob uma nova óptica.

Para o crítico Murilo Leal, a extensão do poema composto de 636 versos confirma a vocação de Machado de Assis para narrar histórias em versos.

[...] É, no entanto, nesse livro, que Machado de Assis reafirma a vocação narrativa já manifestada em *Falenas*, vertente que se tornaria uma constante ao longo de sua obra poética, e evidenciada em poemas como “Potira” e “Niâni”. (LEAL, 2008, p. 17)

No poema de abertura do livro e segundo mais longo, Machado de Assis pretende construir uma representação verossímil a partir das escolhas da epígrafe do poema, um trecho da *Crônica* de Simão de Vasconcelos, e, a nota F de suas *Poesias Completas* (1901) em que diz ter conhecimento de relatos de índias que foram sacrificadas por suas tribos por se terem convertido a outra religião.

Simão de Vasconcelos não declara o nome da índia, cuja ação refere em sua *Crônica*. Achei que não foi o caso desta tamoia o único em que tão galhardamente se manifestou a fidelidade conjugal e cristã. O Padre Anchieta, na carta escrita ao Padre-mestre Laynez, a 16 de abril de 1563, menciona o exemplo de uma índia, mulher de um colono, a qual, depois de lho matarem os índios, caiu em poder destes, cujo Principal a quis violentar. Ela resistiu e desapareceu. Os índios fizeram correr a voz de que se matara; Anchieta supõe que eles mesmos lhe tiraram a vida. Caso análogo é referido pelo Padre João Daniel (*Tesouro Descoberto na Amazonas*, p. II. Cap. III); essa chamava-se Esperança e era da aldeia de Cabu. (ASSIS, 1997, 181-182)

A primeira estrofe do poema dialoga com a epígrafe, pois nela se fazem indagações a respeito do nome da índia, nome que Vasconcelos não revela. Nos versos machadianos fica claro que este nome poderia ser qualquer um, porque apesar de bárbara esta é uma história que se repetiu com várias mulheres, sendo o nome somente uma representação de todas estas índias assassinadas, como afirma Machado de Assis em nota já citada.

Murilo Leal comenta a questão da verossimilhança em “Potira”:

Com o intuito de obter um efeito de maior verossimilhança, Machado baseia-se, alguma vez, em documentos históricos para compor a trama de um poema. Este empréstimo interdisciplinar, que entrelaça História e Literatura, enriquece a composição do ponto de vista conteudístico, a exemplo do enredo de “Potira”, extraído do livro *Notícias do Brasil*, do cronista Simão de Vasconcelos. (LEAL, 2008, p.18)

Apesar de Machado de Assis tentar construir uma verossimilhança no poema, esta só pode ser concretizada parcialmente, visto que o poema não narra uma história em particular, mas como o autor observou na nota de *Poesia Completas*, uma história comum repetida neste passado remoto. O próprio desconhecimento do nome da personagem principal parece ser proposital, pois o nome escolhido, “Potira”, representa o nome de todas as índias que “viveram” o episódio narrado.

Sobre a religião indígena, também em nota, o autor reconhece que, cientificamente não existe indício do culto ao deus Tupã, mas seguindo uma tradição literária ele também cita Tupã como deus dos índios brasileiros. O poema é também carregado de dramaticidade, todas as cenas são cantadas com muita intensidade prenunciando a todo tempo a tragicidade do poema. Estas presenças do sublime e do trágico caracterizam marcas do épico no poema.

Machado de Assis usa neste poema uma linguagem rebuscada, explora os termos indígenas, faz uso de uma sintaxe complexa e a todo momento lança mão de inversões.

A presença do épico foi estudada pelo crítico Astrojildo Pereira sobre contos e romances de Machado de Assis concluindo que não há na obra machadiana nenhuma característica do épico.

Evidentemente, a obra de Machado de Assis nada possui de panorâmico, de cíclico, de épico. Não há nela nenhuma exterioridade de natureza documentária, nenhum sistema rapsódico ou folclórico, nenhum plano objetivo elaborado de antemão. Os seus contos e romances não abrigam heróis extraordinários, nem fixam ações grandiosas e excepcionais[...]. (PEREIRA, 1959, p.17).

Uma das características do épico que Astrojildo Pereira afirma não possuir os contos e romances de Machado de Assis encontra-se em *Americanas*, o herói.

Levando em consideração a forte presença do herói indígena Anajê e sua posição de representante e defensor do povo indígena, não podemos deixar de registrar esta exceção à obra em prosa de Machado de Assis, segundo a observação de Astrojildo Pereira.

A marca predominante do instinto de americanidade em todo o poema é a presença da natureza na composição da cor local. Esta predominância a que nos referimos está relacionada somente à presença visto que outros traços menos presentes, como o orgulho da posse da América, expressam a americanidade de forma mais intensa.

A natureza não é apenas descrita, mas tem força e atua sobre o estado de espírito das personagens, chegando mesmo a transformá-los.

Nos sete primeiros versos do canto I do poema, encontram-se referências a “matas seculares”, “sonoras cachoeiras”, “colmo”<sup>5</sup>, que constata a intensidade com que a cor local se manifesta, intensidade mantida em todo o poema.

O primeiro canto introduz a questão central do poema: a assassinato da índia convertida ao catolicismo. O eu-poético busca, assim, a lembrança da história grandiosa que será contada pelas “matas seculares” e “sonoras cachoeiras”, usando de adjetivos que engrandecem a narração. As matas e as cachoeiras mesmo sendo, respectivamente: seculares e sonoras, não puderam transmitir “o que viram”, reforçando o passado remoto da época em que aconteceram os fatos. Esta narração, ainda no primeiro canto, é comparada ao “tênuo fumo do colmo”, esta comparação reforça se tratar de uma narração intrincada e quase esquecida no passado, pois além de o colmo ser um bambu todo dividido por nós ainda exala uma tênue fumaça.

No segundo canto o eu-poético situa os acontecimentos que se passaram na “nascente cidade brasileira”: Vila de São Vicente<sup>6</sup> e na selva.

As descrições que se seguem mostram o cenário da selva, onde os índios vivem em cabanas e onde descansam em “rede ornada de amarelas penas”.

O canto III é reservado à descrição de Anajê, herói indígena animalizado.

---

<sup>5</sup> Colmo é um tipo de grama que tem nós como os do bambu.

<sup>6</sup> Esta associação é possível graças às notas do próprio autor.

Anajé muito jovem aprende a enfrentar as feras na solitária selva. Num cenário impregnado da cor local, sua força e astúcia são comparadas às da onça e da serpente, a boa aparência do guerreiro que se enfeitava com penas coloridas.

Nos versos 76 a 81 do quarto canto, a descrição da natureza expressa o estado de espírito das personagens, pois a fúria de Anajê é descrita com elementos da natureza, como o céu fechando em nuvens e a tempestade próxima. Como no canto I, aqui o eu-poético usa a descrição da natureza como representação do estado de espírito da personagem.

Esta representação citada no parágrafo anterior ocorre novamente, agora na primeira estrofe do quinto canto, no qual o espírito revoltado de Anajê é representado por um rio durante a tempestade. O rio se enche rapidamente, as ondas crescem e provocam ruídos, este mesmo rio, quando a chuva termina, se torna manso em pouco tempo, como o espírito do índio que alguns instantes depois de estar muito tenso volta à calma rapidamente, tomado pelo amor que sentia pela índia raptada.

Ainda no canto V, há outra recorrência desta característica, na terceira estrofe o eu-poético compara a perturbação causada pelos padres na tribo à movimentação que o vento provoca na água.

Nesta terceira estrofe, a voz do eu-poético é do índio Anajê que afirma que rios de sangue iriam correr ao mar levando as tristes novas à Europa e reforçando mais uma vez a forte presença da cor local no poema, há novamente a referência de que toda história se passa em “matas vastíssimas”.

A partir da terceira estrofe, no sexto canto do poema Anajê usa a flor para comparar, ou melhor, iguala-la a Potira. Esta comparação pode ser considerada previsível, já que o próprio nome Potira, significa flor.

Quando descreve nos versos 180 e 181 as batalhas travadas entre os índios e os colonizadores, mais precisamente, os padres, o eu-poético também utiliza elementos da natureza, pois o sangue dos inimigos tingia a flor do mar e a virgem terra.

Ainda neste canto é novamente dada a palavra ao guerreiro que, para contar o tempo passado enquanto a índia não vivia na tribo, recorre à florada do cajueiro, que se deu por duas vezes em sua ausência, o que significa que Potira ficou dois anos vivendo na vila.

O índio novamente refere-se à flor, mas agora a do maracujá, dizendo que antes que as flores da árvore tivessem caído teve um sonho com o pai da índia fazendo um pedido: que recuperasse sua filha.

Potira sempre comparada à flor, ainda nesta estrofe, é comparada à corça fugitiva.

Nos versos 289 a 294, do oitavo canto do longo poema, o eu-poético utiliza os elementos da natureza para descrever o descontentamento de Potira. A índia que se sentia deslocada em sua própria tribo só tem a natureza como amiga e confidente.

As imagens descritas na primeira estrofe do nono canto são quadros pintados à cor local. O eu-poético trata da partida dos homens da tribo para a caçada e como se comportam as mulheres neste momento. Pode-se denominar esta estrofe como “a dos pássaros”, nela, quatro espécies nativas são citadas, como: o saí, o anum, a andorinha e a juriti. Ainda neste canto, à terceira estrofe é citado outro pássaro, o guanumbi, que segundo o poema, adormece durante o inverno e desperta na primavera. O eu-poético compara a sorte de Potira com o viver deste pássaro, pois ela ainda tinha esperança de acordar do inverno que vivia para uma nova primavera.

No décimo canto encontra-se a cor local no mesmo tom da maior parte do poema. Não encontramos descrições específicas da flora e fauna, mas em nenhum momento é esquecido que a história se passa à beira-mar, entre montanhas e vales.

No décimo primeiro canto é descrito o sacrifício de um prisioneiro inimigo. No fim da descrição, a forma como o guerreiro mata o prisioneiro é comparada à forma de matar uma sucuriúba (cobra), pois o mesmo esmigalha a cabeça do inimigo, colocando lado a lado o comportamento humano em relação a um animal e outro ser humano.

Nos versos 481 ao 487, da parte XII, é exemplificada a presença da cor local. Neste trecho, em particular, é muito forte a presença da floresta, já que a relva é o chão e a copa das árvores é o teto.

No décimo terceiro canto tem-se novamente a presença do pássaro. O eu-poético, no caso, a voz de Anajê, compara Potira com uma ave mesquinha e o herói se compara a um gavião.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> O próprio nome do índio significa ave de rapina.

Ainda neste canto, em um momento muito dramático do poema, Potira ouve o pio melancólico de um pássaro e por um breve instante pensou ser seu pai ou esposo.

Ainda na voz de Anajê, na décima quarta parte, o eu-poético refere-se a outro pássaro, o japu. Segundo o poema, este pássaro faz seu ninho bem alto para fugir dos predadores. Anajê se refere a esta ave para dizer à Potira que ele se comportaria como um japu, protegendo-a, se o motivo para que ela não ficasse com ele fosse medo.

No penúltimo canto do poema, há a presença da palmeira, um dos símbolos da natureza brasileira no Romantismo.

À última parte, XVI, tem-se a presença da cor local na figura do taquaral<sup>8</sup> e da cachoeira, testemunhas do desfecho infeliz do poema.

Fomos levados à descrição em pormenores da presença da cor local no poema escolhido para representar o indianismo de *Americanas* não só como provas da presença de um dos traços do instinto de americanidade nestes versos, mas também em resposta à crítica que o acusou de não usar da cor local, como ela era entendida pelos românticos.

Outro traço do instinto da americanidade presente no poema é o indianismo que se apresenta com algumas peculiaridades. A primeira delas envolve a questão da verossimilhança que Machado de Assis tenta criar da relação entre epígrafe, poema e nota da edição de 1901.

Por meio desta relação que Machado de Assis procura validar a existência real da história narrada. Ele faz referência a uma tribo que realmente existiu no Brasil, a tribo indígena dos Tamoios, também retratada por Gonçalves Dias em *A Confederação dos Tamoios*, na epígrafe tenta comprovar a existência de uma índia assassinada pelo mesmo motivo que sua personagem Potira e, em nota, refere-se a outras histórias reais que narram o mesmo episódio da epígrafe de Simão Vasconcelos. Parece que esta constante ponte com a realidade constitui uma tentativa de criar um indianismo mais próximo da “realidade”. Talvez a intenção machadiana fosse mostrar que não estava inventando ou idealizando a “verdadeira raça brasileira”, pois falava de índios reais, por meio de uma história verdadeira.

---

<sup>8</sup> Taquaral é uma plantação de taquara, um tipo de bambu.

A segunda peculiaridade reside na presença da “índia branca”. É característica do indianismo romântico brasileiro o índio europeizado, comumente este índio fisicamente é descrito como um nativo americano, mas seu comportamento e sentimentos não são totalmente de acordo com sua cultura local e sim, com a européia.

Na personagem Potira, não há nenhum lampejo de indianismo. Trata-se da “índia branca”, totalmente aculturada, pois está habituada aos costumes e religião européia, tanto assim que preferiu morrer a voltar a viver como “índia”.

Contrastando com a personagem Potira, tem-se Anajê, guerreiro que Machado de Assis apresenta de forma mais autêntica possível.

O que subverte nesta relação é que esperamos que em um poema indígena o contra ponto do índio seja um branco e não outro índio. A tensão entre índios e brancos tão recorrentes na literatura romântica é inovada por Machado de Assis, pois esta tensão não fica evidente, e a leitura mais perspicaz vai descobrir que toda a história triste do desentendimento entre os da mesma etnia, etnia esta que deveria unida por ser mais fraca e em menor número, é fruto da intervenção do homem branco, justamente o que menos aparece no poema, na figura do padre.

Existe no poema o embate entre a cultura indígena e suas crenças “pagãs”, e a cultura européia e a religião católica. Curiosamente, estas duas vertentes são representadas por dois índios: Anajê e Potira.

Nos versos 53 a 57, do canto III, Anajê é descrito como um indígena forte, e fisicamente perfeito. O guerreiro é também o protetor dos índios, de seus costumes e de suas crenças. Ele condena a ação dos padres nas tribos e era disposto a tudo para perpetuar sua cultura. Este embate entre Anajê e os Padres evidencia a oposição entre o Velho Mundo e Novo Mundo.

O guerreiro, figura autêntica do indígena no poema, é representado como um selvagem. Anajê é exímio guerreiro, enfrenta os inimigos com golpes certos, é selvagem, às vezes, cruel, como quando oferece a Potira duas opções: ser sua ou morrer.

O poema, como se pode ver, é rico em detalhes dos costumes indígenas. São descritas festas, sacrifícios, despedidas para a caça e oferecendo principalmente referências às crenças que cultivavam, como se percebe nos versos 385 a 389.



Na descrição do sacrifício do prisioneiro o ritual é narrado passo a passo. A posição do eu-poético em relação aos costumes mais selvagens dos índios é um tanto conflituosa. Em relação à festa dos Tamoios em que foi sacrificado o prisioneiro, o eu-poético se posiciona de uma forma que podemos considerar positiva, pois nos versos 389 a 398, não considera aquele povo que sacrifica outro ser humano melhor que do que as pessoas que se dizem civilizadas. Já em comentário sobre o costume indígena dos guaianás de enterrar vivas as pessoas muito idosas ou acometidas por doenças graves, nos versos 412 a 418, o eu-poético tem uma posição negativa, vendo no costume indígena crueldade.

Podemos fazer, porém, uma outra leitura deste conflito em relação aos costumes selvagens dos índios, pois o eu-poético pode estar tomando uma posição favorável aos Tamoios, protagonistas do poema, em detrimento aos costumes dos guaianás.

No princípio do canto XII, Potira é chamada de “indiana moça”. A personagem, sempre designada como cristã, em alguns momentos é chamada de índia, tal designação vem sempre acompanhada da atmosfera da cor local do poema. Nos versos em que ocorre esta designação, a descrição da cor local é muito forte, sendo a natureza estreitamente ligada a Potira, tem até o poder de transformá-la por poucos instantes em índia. Este avivamento dos instintos indígenas em Potira, causado pelo estreitamento da relação da personagem com a natureza, pode ser confirmado nos versos 544 a 549, do canto XIII.

Um lapso europeu/cristão em Anajê se dá ao final do poema, nos versos 568 a 574, do canto XIV. O índio, descrito como selvagem destemido, declara a Potira seu amor, dizendo que largaria tudo, sua tribo, suas armas e crenças para se refugiar num lugar deserto para viver só com a índia.

Outro comportamento que parece fugir ao pensamento indígena acontece no desfecho do poema. Anajê mata Potira porque ela não quis viver como sua esposa, talvez, se a personagem tivesse um pensamento indígena “original”, a mataria por ela não seguir as crenças e cultura de seu povo.

A tradição imaginativa, que nada mais é que a reunião das crenças e a tradição de modo de pensar de um povo é um outro traço do instinto de americanidade muito próximo ao indianismo.

Trata-se de traço muito presente no poema, que aparece pela primeira vez, no segundo canto, na figura de Tupã, deus indígena.

Na terceira estrofe do quinto canto, Anajê condena a ação dos padres de catequizar os índios. O guerreiro dizia que iria defender suas crenças guerreando com os padres, matando-os se fosse preciso.

De uma maneira mais forte a tradição imaginativa indiana se faz presente nos versos 193 a 203, passagem em que o pai de Potira, já falecido, aparece em sonho a Anajê, pedindo ao guerreiro que recupere sua filha. Claro que o sonho de Anajê com o pai de Potira não configura o sobrenatural, ele se faz presente na crença de Anajê em que se comunicou realmente com o morto, arcando com todas as conseqüências no mundo real para cumprir uma ordem dada em sonho.

A vontade do pai vem associada à vontade de Tupã, validando os atos cometidos para que esta “vontade” fosse cumprida.

Nos versos 367 a 373, do décimo canto, no início da narração do sacrifício do prisioneiro, um índio guainás, percebe-se a peculiaridade do pensamento e costumes indianos nesse ritual, ou melhor, nesta festa. A crueldade transparece nos versos que narram o sacrifício, diante da execução os índios sentiam-se alegres e aplaudiam.

No décimo terceiro canto do poema, repete-se a profecia de Tupã sobre a necessidade de Potira e Anajê viverem juntos, no entanto, Potira, a índia católica, prefere ser escrava ou morrer ao invés de ser esposa de Anajê.

O eu-poético explicita em vários momentos a força da fé católica da índia, que faz orações ao senhor Jesus Cristo várias vezes durante o poema.

A “índia branca”, em um dos momentos mais dramáticos do poema é acometida por um lampejo pagão, quando ouve o pio de uma ave pensa automaticamente que poderia ser o pai, ou o esposo, se rendendo por alguns instantes a sua fé antiga. Visto que, para o catolicismo, as almas não voltam do paraíso ou do inferno.

Assim como Potira, Anajê por um instante trai suas crenças que defendia arduamente. Nos versos 574 a 579, do canto XIV, o guerreiro diz se abster de sua vida na tribo para viver isolado com a índia, mesmo sabendo que depois de morto encontraria seu pai decepcionado por ter se desvirtuado.

Outro traço da americanidade é o nacionalismo, expresso nos textos pelas representações da cor local, do indianismo, que da mesma forma marcam o instinto de americanidade.

No verso 16 de “Potira”, o eu-poético explicita que quem vive a história a ser narrada são os brasileiros.

No canto II, novamente há a presença do nacionalismo quando o eu-poético faz referência a uma “nascente cidade brasileira” onde a personagem Potira vivia longe de sua tribo. O adjetivo “nascente”, dado à cidade, indica o surgimento da civilização no Brasil. O nome da cidade, Vila de São Vicente, é revelado por Machado de Assis em suas notas de *Poesia Completa* (1901).

No canto IV do poema há referência ao “Corcovado”, parte integrante e inconfundível da natureza brasileira, configurando uma representação explícita do nacionalismo.

Finalmente, a posse da América, pode ser entendida como um dos traços mais significativo de todos que expressam a americanidade.

Todos os traços analisados neste poema se juntam para tomar força de representação da americanidade, enquanto o sentimento de pertencimento e orgulho da posse da América por si só a representa.

Este traço tão importante para validação deste estudo aparece em “Potira” nos versos 367 a 371 do canto X do poema.

A referência aos Andes, em meio ao quadro pintado com cores tão brasileiras, faz com que o território do Brasil se estenda além dos Andes. A Cordilheira dos Andes se estende da Venezuela até a Patagônia, atravessando todo o continente sul-americano, caracterizando a paisagem de vários países sul-americanos como: Chile, Argentina, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela. Esta citação faz com que o eu-poético tome posse desta América.

A classificação de “Potira” como um poema americanista é certa, todos os traços que expressam o instinto de americanidade no período romântico brasileiro são encontrados em seus versos.

No poema é bem marcada a disputa da Europa com a América, identificada pela luta de Anajê para viver com Potira. Pode-se até arriscar fazer uma relação entre o jovem índio Anajê com o Novo Mundo que, como ele, também era jovem. Anajê luta contra a dominação do povo europeu que, na maioria das vezes, perde as batalhas travadas com os

índios. Antes, não se pode esquecer de que ele se enfeitava com plumas coloridas e, quanto ao continente Americano, também é colorido com sua fauna e flora exótica.

Quanto ao sentimento de pertença à América, podemos confirmá-lo no verso em que Machado cita os Andes, que não fazem parte da nossa geografia, mas que o usa como se fosse derrubando as barreiras nacionais, unificando em uma só América.

Dentre todas os traços do instinto de americanidade, acreditamos ser o hibridismo o que melhor se aplica a “Potira”, pois há neste poema uma tensão muito forte em relação à identidade do brasileiro.

Para os escritores românticos não era o índio o representante mais autêntico do povo brasileiro? Mas que índio é esse apresentado por Machado de Assis?

Totalmente diferente dos heróis convencionais da literatura romântica brasileira a heroína do poema, Potira, carrega consigo todas as angústias de ser brasileira e colonizada. Machado de Assis enxerga que aquele índio de 1500 não existe mais em sua contemporaneidade e não poderia ser ele o melhor representante do povo brasileiro, como observou em “Instinto de Nacionalidade”, e ao se empenhar em tratar do índio o fez de maneira genial, renunciando uma discussão presente nos estudos sobre a americanidade na atualidade, o hibridismo, que sobressai quando reconhece que não há mais etnia pura no Brasil e sim uma mistura de etnias e culturas, colocando Potira como representante de uma dessas facetas.

O segundo poema da tríade, “A Cristã-Nova” também tem como protagonista uma mulher, desta vez uma judia também convertida ao cristianismo. Este poema, assim como “Potira”, também traz um novo olhar sobre a identidade brasileira, aqui representada por Ângela, heroína nascida na Palestina que cresceu em terras brasileiras e se converteu ao cristianismo sem conseguir escapar da perseguição de ser denominada judia.

## **A CRISTÃ-NOVA**

...essa mesma foi levada  
cativa para uma terra estranha.  
NAUM, cap. III, v. 10

## **PARTE I**

## I

1 OLHOS FITOS no céu, sentado à porta,  
O velho pai estava. Um luar frouxo  
Vinha beijar-lhe a veneranda barba  
Alva e longa, que o peito lhe cobria,  
5 Como a névoa na encosta da montanha  
Ao destoucar da aurora. Alta ia a noite,  
E silenciosa: a praia era deserta,  
Ouvia-se o bater pausado e longo  
Da sonolenta vaga — único e triste  
10 Som que a mudez quebrava à natureza.

## II

Assim talvez nas solidões sombrias  
Da velha Palestina  
Um profeta no espírito volvera  
As desgraças da pátria. Quão remota  
15 Aquela de seus pais sagrada terra,  
Quão diferente desta em que há vivido  
Os seus dias melhores! Vago e doce,  
Este luar não alumia os serros  
Estéreis, nem as últimas ruínas,  
20 Nem as ermas planícies, nem aquele  
Morno silêncio da região que fora  
E que a história de todo amortilhara.  
Ó torrentes antigas! águas santas  
De Cedron! Já talvez o sol que passa,  
25 E vê nascer e vê morrer as flores,  
Todas no leito vos secou, enquanto  
Estas murmuram plácidas e cheias,  
E vão contando às deleitosas praias  
Esperanças futuras. Longo e longo  
30 O devolver dos séculos  
Será, primeiro que a memória do homem  
Teça a mortalha fria  
Da região que inda tinge o albor da aurora.

## III

Talvez, talvez no espírito fechado  
35 Do ancião vagueavam lentamente  
Estas idéias tristes. Junto à praia  
Era a austera mansão, donde se via  
Desenrolarem-se as serenas vagas  
Do nosso golfo azul. Não a enfeitavam  
40 As galas da opulência, nem os olhos  
Entristecia coo medonho aspecto  
Da miséria; não pródiga nem surda

A fortuna lhe fora, mas aquela  
Mediana sóbria, que os desejos  
45 Contenta do filósofo, lhe havia  
Dourado os tectos. Guanabara ainda  
Não era a flor aberta  
Da nossa idade, era botão apenas,  
Que rompia do hastil, nascido à beira  
50 De suas ondas mansas. Simples e rude,  
Ia brotando a juvenil cidade,  
Nestas incultas terras, que a lembrança  
Recordava talvez do antigo povo,  
E o guaú alegre, e as ríspidas pelejas,  
55 Toda essa vida que morreu.

#### IV

Sentada  
Aos pés do velho estava a amada filha,  
Bela como a açucena dos Cantares,  
Como a rosa dos campos. A cabeça  
60 Nos joelhos do pai reclinava a moça,  
E deixa resvalar o pensamento  
Rio abaixo das longas esperanças  
E namorados sonhos. Negros olhos  
Por entre os mal fechados  
65 Cílios estende à serra que recorta  
Ao longe o céu. Morena é a face linda  
E levemente pálida. Mais bela,  
Nem mais suave era a formosa Rute  
Ante o rico Booz, do que essa virgem,  
70 Flor que Israel brotou do antigo tronco,  
Corada ao sol da juvenil América.

#### V

Mudos viam correr aquelas horas  
Da noite, os dois: ele voltando o rosto  
Ao passado, ela os olhos ao futuro.  
75 Cansam-lhe enfim ao pensamento as asas  
De ir voando, através da espessa treva,  
Frouxas as colhe, e desce ao campo exíguo  
Da realidade. A delicada virgem  
Primeiro volve a si; os lindos dedos  
80 Corre-lhe ao longo da nevada barba,  
E 'Pai amigo, que pensar vos leva  
Tão longe a alma?' Estremecendo o velho:  
'Curiosa! — lhe disse, - o pensamento  
É como as aves passageiras: voa  
85 A buscar melhor clima. — Oposto rumo  
Ias tu, alma em flor, aberta apenas,  
Tão longe ainda do calor da sesta,

Tão remota da noite... Uma esperança  
Te sorria talvez? Talvez, quem sabe,  
90 Uns namorados olhos que me roubem,  
Que te levem... Não cores, filha minha!  
Esquecimento, não; lembrança ao menos  
Ficar-te-á do paterno afeto; e um dia,  
Quando eu na terra descansar meus ossos,  
95 Haverás doce bálsamo no seio  
Da afeição juvenil... Sim; não te acuso;  
Ama: é a lei da natureza, eterna!  
Ama: um homem será da nossa raça...'

## VI

Estas palavras tais ouvindo a moça,  
100 Turbada os olhos descaiu na terra,  
E algum tempo ficou calada e triste,  
Como no azul do céu o astro da noite,  
Se uma nuvem lhe empana a meio a face.  
Súbito a voz e o rosto alevantando,  
105 Com dissimulação, — pecado embora,  
Mas inocente: — 'Olhai, a noite é linda!  
O vento encrespa molemente as ondas,  
E o céu é todo azul e todo estrelas!  
Formosa, oh! quão formosa a terra minha!  
110 Dizei: além desses compridos serros,  
Além daquele mar, à orla de outros,  
Outras como esta vivem?'

## VII

Fresca e pura  
Era-lhe a voz, voz d'alma que sabia  
115 Entrar no coração paterno. A fronte  
Inclina o velho sobre o rosto amado  
De Ângela. — Na cabeça ósculo santo  
Imprime à filha; e suspirando, os olhos  
Melancolicamente ao ar levanta,  
120 Desce-os e assim murmura:  
' Vaso é digno de ti, lírio dos vales,  
Terra solene e bela. A natureza  
Aqui pomposa, compassiva e grande,  
No regaço recebe a alma que chora  
125 E o coração que tímido suspira.  
Contudo, a sombra pesarosa e errante  
Do povo que acabou pranteia ainda  
Ao longo das areias,  
Onde o mar bate, ou no cerrado bosque  
130 Inda povoado das relíquias suas,  
Que o nome de Tupã confessar podem  
No próprio templo augusto. Última e forte

Consolação é esta do vencido  
Que viu tudo perder-se no passado,  
135 E único salva do naufrágio imenso  
O seu Deus. Pátria não. Uma há na terra  
Que eu nunca vi... Hoje é ruína tudo,  
E viuvez e morte. Um tempo, entanto,  
Bela e forte ela foi; mas longe, longe  
140 Os dias vão de fortaleza e glória  
Escoados de todo como as águas  
Que não volvem jamais. Óleo que a unge,  
Finas telas que a vestem, atavios  
De ouro e prata que o colo e os braços lhe ornem,  
145 E a flor de trigo e mel de que se nutre,  
Sonhos, são sonhos do profeta. É morta  
Jerusalém! Oh! quem lhe dera os dias  
Da passada grandeza, quando a planta  
Da senhora das gentes sobre o peito  
150 Pousava dos vencidos, quando o nome  
Do que há salvo Israel, Moisés.’  
‘Não! Cristo,  
Filho de Deus! Só ele há salvo os homens!’  
Isto dizendo, a delicada virgem  
155 As mãos postas ergueu. Uma palavra  
Não disse mais; no coração, entanto,  
Murmurava uma prece silenciosa,  
Ardente e viva, como a fé que a anima  
Ou como a luz da lâmpada  
160 A que não faltou óleo.

## VIII

### Taciturno

Esteve longo tempo o ancião. Aquela  
Alma infeliz nem toda era de Cristo  
Nem toda de Moisés; ouvia atento  
165 A palavra da Lei, como nos dias  
Do eleito povo; mas a doce nota  
Do Evangelho não raro lhe batia  
No alvoroçado peito  
Soleníssima e pura... Descambava  
170 No entanto a lua. A noite era mais linda,  
E mais augusta a solidão. Na alcova  
Entre a pálida moça. Da parede  
Um Cristo pende; ela os joelhos dobra  
Os dedos cruza e reza — não serena,  
175 Nem alegre também, como costuma,  
Mas a tremer-lhe nos formosos olhos  
Uma lágrima.

## IX



A lâmpada acendida  
Sobre a mesa do velho, as largas folhas  
180 Alumia de um livro. O máximo era  
Dos livros todos. A escolhida lauda  
Era a do canto dos cativos que iam  
Pela ribas do Eufrates, lembrando  
As desgraças da pátria. A sós, com eles,  
185 Suspira o velho aquele salmo antigo:

Junto os rios da terra amaldiçoada  
De Babilônia, um dia nos sentamos,  
Com saudades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos,  
190 E ao lembrarmos os extintos dias  
As lágrimas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias  
Do cativo, ali nos perguntavam  
Pelas nossas antigas harmonias.

195 E dizíamos nós aos que falavam:  
'Como em terra de exílio amargo e duro  
Cantar os hinos que ao Senhor louvavam?'

Jerusalém, se inda num sol futuro,  
Eu desviar de ti meu pensamento  
200 E teu nome entregar a olvido escuro,

A minha destra a frio esquecimento  
Votada seja; apegue-se à garganta  
Esta língua infiel, se um só momento

Me não lembrar de ti, se a grande e santa  
205 Jerusalém não for minha alegria  
Melhor no meio de miséria tanta.

Oh! lembra-lhes, Senhor, aquele dia  
Da abatida Sião, lembra-lho aos duros  
Filhos de Edom, e à voz que ali dizia:

210 Arruinai-a, arruinai-a; os muros  
Arrasemo-los todos; só lhe baste  
Um montão de destroços mal seguros.

Filha de Babilônia, que pecaste,  
Abençoado o que se houver contigo  
215 Com a mesma opressão que nos mostraste!

Abençoado o bárbaro inimigo  
Que os tenros filhos teus às mãos tomando,

Os for, por teu justíssimo castigo,  
Contra um duro penedo esmigalhando!

**PARTE      SEGUNDA**

**I**

- 220 Era naquela doce e amável hora  
    Em que vem branqueando a alva celeste,  
    Quando parece que remoça a vida  
    E toda se espreguiça a natureza.  
    Alva neblina que espalhara a noite
- 225 Frouxamente nos ares se dissolve,  
    Como de uns olhos tristes  
    Foge coo tempo a já ligeira sombra  
    De consoladas mágoas. Vida é tudo,  
    E pompa e graça natural da terra,
- 230      Mas que não seja no ermo,  
    Onde seus olhos rútilos espraia  
    Livres a aurora, sem tocar vestígios  
    De obras caducas do homem, onde as águas  
    Do rio bebe a fugitiva corça,
- 235 Vivo aroma nos ares se difunde,  
    E aves, e aves de infinitas cores  
    Voando vão e revoando tornam,  
    Inda senhoras da amplidão que é sua,  
    Donde as há de fugir o homem um dia
- 240 Quando a agreste solidão entrar o passo  
    Criador que derruba. Já de todo  
    Nado era o sol; e à viva luz que inunda  
    Estes meus pátrios morros e estas praias,  
    Sorrindo a terra moça
- 245 Noiva parece que o virgíneo seio  
    Entrega ao beijo nupcial do amado.  
    E há de os fúnebres véus lançar a morte  
    Na verdura do campo? A natureza  
    A nota vibrará da extrema angústia
- 250 Neste festivo cântico de graças  
    Ao sol que nasce, ao Criador que o envia,  
    Como renovação de juventude?

**II**

- Coava o sol pela miúda e fina  
    Gelosia da alcova em que se apresta
- 255 A recente cristã. Singelas roupas  
    Traja da ingênuo cor que a natureza  
    Pintou nas plumas que primeiro brota  
    O seu pátrio guará. Vínculo frouxo  
    Mal lhe segura a luzidía trança,
- 260      Como ao desdém lançada

Sobre a espádua gentil. Jóia nenhuma,  
Mais que seus olhos meigos, e essa doce  
Modéstia natural, encanto, enlevo,  
Casta flor que aborrece os mimos do horto,  
265 E uma livre nascer no campo, à larga,  
Rústica, mas formosa. Não lhe ensombram  
As tristezas da véspera o semblante,  
Nem da secreta lágrima na face  
Ficou vestígio. — Descuidosa e alegre,  
270 Ri-se, murmura uma cantiga, ou pensa,  
E repete baixinho um nome... Oh! se ele  
Espreitá-la pudesse ali risonha,  
A sós consigo, entre o seu Cristo e as flores  
Colhidas ao tombar da extinta noite,  
275 E vicejantes inda!

### III

De repente,  
Aos ouvidos da moça enamorada  
Chega um surdo rumor de soltas vozes,  
Que ora crescendo vai, ora se apaga,  
280 Estranho, desusado. Eram... São eles,  
Os franceses, que vêm de longes praias  
A cobiçar a pérola mimosa,  
Niterói, na alva-azul concha nascida  
De suas águas recatadas. Rege  
285 O atrevido Duclerc a flor dos nobres,  
Cuja tez branca requeimara o fogo  
Que o vivo sol dos trópicos dardeja,  
E a lufada dos ventos do oceano.  
Cobiçam-te eles, minha terra amada,  
290 Como quando nas faixas sempre-verdes  
Eras envolta; e rude, inda que belo,  
O aspecto havias que poliu mais tarde  
A clara mão do tempo. Inda repetem  
Os ecos do recôncavo os suspiros  
295 Dos que vieram a buscar a morte,  
E a receberam dos varões possantes  
Companheiros de Estácio. A todos eles,  
Prole de Luso ou geração da Gália,  
Cativara-os a náiaide escondida,  
300 E o sol os viu travados nessa longa  
E sangrenta porfia, cujo prêmio  
Era teu verde, cândido regaço.  
Triunfara o trabuco lusitano  
Naquele extinto século. Vencido,  
305 O pavilhão francês volvera à pátria,  
Pela água arrastando o longo crepe  
De suas tristes, mortas esperanças,  
Que vento novo o desfraldou nos ares?

#### IV

Ângela ouvira as vozes da cidade,  
310 As vozes do furor. Já receosa,  
Trêmula, foge à alcova e se encaminha  
À câmara paterna. Ia transpondo  
A franqueada porta... e pára. O peito  
Rompe-lhe quase o coração, — tamanho  
315 É o palpitar, um palpitar de gosto,  
De surpresa e de susto. Aqueles olhos,  
Aquele graça máscula do gesto,  
Graça e olhos são dele, o amado noivo,  
Que entre os mais homens elegeu sua alma  
320 Para o vínculo eterno... Sim, que a morte  
Pode arrancar ao seio humano o alento  
Último e derradeiro; os que deveras  
Unidos foram, volverão unidos  
A mergulhar na eternidade. Estava  
325 Junto do velho pai o gentil moço,  
Ele todo agitado, o ancião sombrio,  
Calados ambos. A atitude de ambos,  
O misterioso, gélido silêncio,  
Mais que tudo, a presença nunca usada  
330 Daquele homem ali, que mal a espreita  
De longe e a furto, nos instantes breves  
Em que lhe é dado vê-la, tudo à moça  
O ânimo abala e o coração enfia.

#### V

Mas o tropel de fora avulta e cresce  
335 E os três acorda. A virgem, lentamente,  
Rosto inclinado ao chão, transpõe o espaço  
Que dos dous a separa... O tenro colo  
Curva ante o pai, e na enrugada destra  
O ósculo imprime, herdada usança antiga  
340 De filial respeito. As mãos lhe toma  
Enternecido o velho; olhos com olhos  
Alguns instantes rápidos ficaram,  
Até que ele, voltando o rosto ao moço:  
'Perdoai — disse, — se paterno afeto  
345 Me atou a língua. Vacilar é justo  
Quando à pobre ruína a flor lhe pedem  
Que única lhe nasceu — única adorna  
A aridez melancólica do extremo,  
Pálido sol... Não protesteis! Roubá-la,  
350 Arrancá-la aos meus últimos instantes,  
Não o fareis decerto. Pouco importa  
Dês que a metade lhe levais da vida,  
Dês que seu coração convosco parte

Afeições minhas. — Ao demais, o sangue  
355 Que lhe corre nas veias, condenado,  
Nuno, será dos vossos...’ Longo e frio  
Olhar estas palavras acompanha,  
Como a arrancar-lhe o pensamento interno.  
A donzela estremece. Nuno o alento  
360 Recobra e fala: ‘Puro sangue é ele,  
Se lhe corre nas veias. Tão mimosa,  
Cândida criatura, alma tão casta,  
Inda nascida entre os incréus da Arábia,  
Deus a votara à conversão e à vida  
365 Dos eleitos do céu. Águas sagradas  
Que a lavaram no berço, já nas veias  
O sangue velho e impuro lhe trocaram  
Pelo sangue de Cristo...’

## VI

Neste instante  
370 Cresce o tumulto exterior. A virgem  
Medrosa toda se conchega ao colo  
Do velho pai. ‘Ouvis? Falai! é tempo!’  
Nuno prossegue. ‘Este comum perigo  
Chama os varões à ríspida batalha;  
375 Com eles vou. Se um galardão, entanto,  
Merecer de meus feitos, não à pátria  
Irei pedi-lo; só de vós o espero,  
Não o melhor, mas o único na terra,  
Que a minha vida...’ Rematar não pôde  
380 Esta palavra. Ao escutar-lhe a nova  
Da iminente peleja  
E a decisão de combater por ela,  
Inteiras sente as forças que se perdem  
A donzela, e bem como ao rijo vento  
385 Inclina o colo o arbusto  
Nos braços desmaiou do pai. Volvida  
A si, na palidez do rosto o velho  
Atenta um pouco, e suspirando: ‘As armas  
Empunhai; combatei; Ângela é vossa.  
390 Não de mim a havereis: ela a si mesma  
Toda nas vossas mãos se entrega. Morta  
Ou feliz é a escolha; não vacilo:  
Seja feliz, e folgarei com ela...’

## VII

Sobre a frente dos dois, as mãos impondo  
395 Ao seio os conchegou, bem como a tenda  
Do patriarca santo agasalhava  
O moço Isaac e a delicada virgem  
Que entre os rios nasceu. Delicioso

E solene era o quadro; mas solene  
400 E delicioso embora, ia esvair-se  
Qual celeste visão, que acende a espaços  
O ânimo do infeliz. A guerra, a dura  
Necessidade de imolar os homens,  
Por salvar homens, a terrível guerra  
405 Corta o amoroso vínculo que os prende  
E à moça o riso lhe converte em lágrimas.  
Mísera és tu, pálida flor; mas sofre  
Que o calor deste sol te acurve o cálix,  
Morta, não; nem já murcha — mas apenas  
410 Como cansada de queimor do estio.  
Sofre; a tarde virá serena e branda  
A reviver-te o alento; a fresca noite  
Choverá sobre ti piedoso orvalho  
E mais risonha surgirás à aurora.

### VIII

415 Foge à estância da paz o ardido moço;  
Esperança, fortuna, amor e pátria  
A guerrear o levam. Já nas veias  
O vivo sangue irrequieto pulsa,  
Como ansioso de correr por ambas,  
420 A bela terra e a suspirada noiva.  
Triste quadro a seus olhos se apresenta;  
Nos femininos rostos vê pintados  
Incerteza e terror; lamentos, gritos  
Soam de entorno. Voam pelas ruas  
425 Homens de guerra; homens de paz se aprestam  
Para a crua peleja; e, ou nobre estância,  
Ou choupana rasteira, armado é tudo  
Contra a forte invasão. Nem lá se deixa  
Quieto, a sós com Deus, na estreita cela,  
430 O solitário monge que às batalhas  
Fugiu da vida. O patrimônio santo  
Cumprе salvá-lo. Cruz e espada empunha,  
Deixa a serena região da prece  
E voa ao torvelinho do combate.

### IX

435 Entre os fortes alunos que dirige  
O ardido Bento, a perfilar-se corre  
Nuno. Estes são os que o primeiro golpe  
Descarregam no atônito inimigo.  
Do militar ofício ignoram tudo,  
440 De armas não sabem; mas o brio e a honra  
E a lembrança da terra em que primeiro  
Viram a luz, e onde o perdê-la é doce,  
Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo

Do nobre esforço e galhardia rara,  
445 Com que inda nos umbrais da vida que orna  
Tanta esperança, tanto sonho de ouro,  
Resolutos a morte encaram, prestes  
A retalhar nas dobras  
Da vestidura fúnebre da pátria  
450 O piedoso lençol que os leve à campa,  
Ou com ela cingir o eterno louro.

## X

Ó mocidade, ó baluarte vivo  
Da cara pátria! Já perdida é ela,  
Quando em teu peito entusiasmo santo  
455 E puro amor se extingue, e àquele nobre,  
Generoso despejo e ardor antigo  
Sucede o frio calcular, e o torpe  
Egoísmo, e quanto há hino no humano peito,  
Que é fruto nosso e podre... Muitos caem  
460 Mortos ali. Que importa? Vão seguindo  
Avante os bravos, que a invasão caminha  
Implacável e dura, como a morte,  
A pelejar e a destruir. Tingidas  
Ruas de estranho sangue  
465 E sangue nosso, lacerados membros,  
Corpos de que há fugido a alma cansada,  
E o denso fumo e os fúnebres lamentos,  
Quem nessa confusão, miséria e glória  
Conhecerá da juvenil cidade  
470 O aspecto, a vida? Aqui da infância os dias  
Nuno vivera, à vicejante sombra  
Do seu pátrio arvoredado, ao som das vagas  
Que inda batendo vão na amada areia;  
Risos, jogos da verde meninice,  
475 Esta praia lhe lembra, aquela pedra,  
A mangueira do campo, a tosca cerca  
De espinheiro e de flores enlaçadas,  
A ave que voa, a brisa que suspira,  
Que suspira como ele há suspirado,  
480 Quando rompendo o coração do peito  
Ia-lhe empós dessa visão divina,  
Realidade agora... E há de perdê-las  
Pátria e noiva? Esta idéia lhe esvoaça  
Torva e surda no cérebro do moço,  
485 E ao contraído espírito redobra  
Ímpeto e forças. Rompe  
Por entre a multidão dos seus, e investe  
Contra o duro inimigo; e as balas voam,  
E com elas a morte, que não sabe  
489 Dos escolhidos seus a terra e o sangue,  
E indistintos os toma; ele, no meio

Daquele horrível turbilhão, parece  
Que a faísca do gênio o leva e anima,  
Que a fortuna o votara à glória.

## XI

495 Soam  
Enfim os gritos de triunfo; e o peito  
Do povo que lutou respira à larga,  
Como ao que, após árdua subida, chega  
Ao cimo da montanha, e ao longe os olhos  
500 Estende pelo azul dos céus, e a vida  
Bebe nesse ar mais puro. Farto sangue  
A vitória custara; mas, se em meio  
De tanta glória há lágrimas, soluços,  
Gemidos de viuvez, quem os escuta,  
505 Quem as vê essas lágrimas choradas  
Na multidão da praça que troveja  
E folga e ri? O sacro bronze que usa  
Os fiéis convidar à prece, e a morte  
Do homem pranteia lúgubre e solene,  
510 Ora festivo canta  
O comum regozijo; e pela aberta  
Porta dos templos entra a frouxo o povo  
A agradecer com lágrimas e vozes  
O triunfo — piedoso instinto da alma,  
515 Que a Deus levanta o pensamento e as graças.

## XII

Tu, mancebo feliz, tu bravo e amado,  
Voa nas asas rútilas e leves  
Da fortuna e do amor. Como ao indiano,  
Que, ao regressar das porfiadas lutas,  
520 Por estas mesmas regiões entrava,  
A encontrá-lo saía a meiga esposa,  
— A recente cristã, entre assustada  
E jubilosa coroará teus feitos  
Coa melhor das capelas que hão pousado  
525 Em frente de varão — um doce e longo  
Olhar que inteiro encerra a alma que chora  
De gosto e vida! Voa o moço à estância  
Do ancião; e ao pôr na suspirada porta  
Olhos que traz famintos de encontrá-la,  
530 Frio terror lhe empece os membros. Frouxo  
Ia o sol transmontando; lenta a vaga  
Melancolicamente ali gemia,  
E todo o ar parecia arfar de morte.  
Qual se pálida a vira, já cerrados  
535 Os desmaiados olhos,  
Frios os doces lábios



Cansados de pedir aos céus por ele,  
Nuno estacara; e pelo rosto em fio  
O suor lhe caiu da extrema angústia;  
540 Longo tempo vacila;  
Vence-se enfim, e entra a mansão da esposa.

### XIII

Quatro vultos na câmara paterna  
Eram. O pai sentado,  
Calado e triste. Reclinada a fronte  
545 No espaldar da cadeira, a filha os olhos  
E o rosto esconde, mas tremor contínuo  
De um abafado soluçar o esbelto  
Corpo lhe agita. Nuno aos dous se chega;  
Ia a falar, quando a formosa virgem,  
550 Os lacrimosos olhos levantando,  
Um grito solta do íntimo do peito  
E se lhe prostra aos pés: 'Oh! vivo, és vivo!  
Inda bem... Mas o céu, que por nós vela,  
Aqui te envia... Salva-o tu, se podes,  
555 Salva meu pobre pai!' Estremecendo  
Nela e no velho fita Nuno os olhos,  
E agitado pergunta: 'Qual ousado  
Braço lhe ameaça a vida?' Cavernosa  
Uma voz lhe responde: 'O santo ofício!'  
560 Volve o mancebo o rosto  
E o merencório aspecto  
De dous familiares todo o sangue  
Nas veias lhe gelou.

### XIV

Solene o velho  
565 Com a voz, não frouxa, mas pausada, fala:  
'— Vês? Todo o brio, todo o amor no peito  
Te emudeceu. Só lastimar-me podes,  
Salvar-me, nunca. O cárcere me aguarda,  
E a fogueira talvez; cumpri-la, é tempo,  
570 A vontade de Deus. Tu, pai e esposo  
Da desvalida filha que aí deixo,  
Nuno, serás. A relembrar com ela  
Meu pobre nome, aplacareis a imensa  
Cólera do Senhor...' Sorrindo irônico,  
575 Estas palavras últimas lhe caem  
Dos lábios tristes. Ergue-se: 'Partamos!  
Adeus! Negou-me Aquele que no campo  
Deixa a árvore anciã perder as folhas  
No mesmo ponto em que as nutriu viçosas,  
580 Negou-me ver por estas longas serras  
Ir-se-me o último sol. Brando regaço

A filial piedade me daria  
Em que eu dormisse o derradeiro sono,  
E em braços de meu sangue transportado  
585 Fora em horas de paz e de silêncio  
Levado ao leito extremo e eterno. Vive  
Ao menos tu...'

## XV

Um familiar lhe corta  
O adeus último: 'Vamos: é já tempo!'  
590 Resignado o infeliz, ao seio aperta  
A filha, e todo o coração num beijo  
Lhe transmitiu, e a caminhar começa.  
Ângela os lindos braços sobre os ombros  
Trava do austero pai; flores disséreis  
595 De parasita, que enroscou seus ramos  
Pelo cansado tronco, estéril, seco  
De árvore antiga: 'Nunca! Hão de primeiro  
A alma arrancar-me! Ou se heis pecado, e a morte  
Pena há de ser da cometida culpa,  
600 Convosco descerei à campa fria,  
Juntos a mergulhar na eternidade.  
Israel tem vertido  
Um mar de sangue. Embora! à tona dele  
Verdeja a nossa fé, a fé que anima  
605 O eleito povo, flor suave e bela  
Que o medo não desfolha, nem já seca  
Ao vento mau da cólera dos homens!'

## XVI

Trêmula a voz do peito lhe saía.  
Das mãos lhe trava um dos algozes. Ela  
610 Entrega-se risonha,  
Como se o cálix da amargura extrema  
Pelos meles da vida lhe trocassem  
Celeste e eterna. O coração do moço  
Latejava de espanto e susto. Os olhos  
615 Pousa na filha o desvairado velho.  
Que ouviu? — Atenta nela; o lindo rosto  
O céu não busca jubiloso e livre,  
Antes, como travado de agra pena,  
Pende-lhe agora ao chão. Dizia acaso  
620 Entre si mesma uma oração, e o nome  
De Jesus repetia, mas tão baixo,  
Que o coração do pai mal pôde ouvir-lho.  
Mas ouviu-lho; e tão forte amor, tamanho  
Sacrifício da vida a alma lhe rasga  
625 E deslumbra. Escoou-se um breve tempo  
De silêncio; ele e ela, os triste noivos,

Como se a eterna noite os recebera,  
Gelados eram; levantar não ousam  
Um para o outro os arrasados olhos  
630 De mal contidas e teimosas lágrimas.

## XVII

Nuno enfim, lentamente e a custo arranca  
Do coração estas palavras: 'Fora  
Misericórdia ao menos confessá-lo  
Quando ao fogo do bárbaro inimigo  
635 Me era fácil deixar o derradeiro  
Sopro da vida. Prêmio é este acaso  
De tamanho lidar? Que mal te hei feito,  
Por que me dêis tão bárbara e medonha  
Morte, como esta, em que o cadáver guarda  
640 Inteiro o pensamento, inteiro o aspecto  
Da vida que fugiu?' Ângela os olhos  
Magoados ergue; arfa-lhe o peito aflito,  
Como o dorso da vaga que intumesce  
A asa da tempestade. 'Adeus!' suspira  
645 E a frente abriga no paterno seio.

## XVIII

O rebelde ancião, domado entanto,  
Afracar-se-lhe sente dentro d'alma  
O sentimento velho que bebera  
Com o leite dos seus; e sem que o lábio  
650 Transmita a ouvidos de homem  
O duvidar do coração, murmura  
Dentro de si: 'Tão poderosa é essa  
Ingênua fé, que inda negando o nome  
Do seu Deus, confiada aceita a morte,  
655 E guarda puro o sentimento interno  
Com que o véu rasgará da eternidade?  
Ó Nazareno, ó filho do mistério,  
Se é tua lei a única da vida  
Escreve-ma no peito; e dá que eu veja  
660 Morrer comigo a filha de meus olhos  
E unidos irmos, pela porta imensa  
Do teu perdão, à eternidade tua!'

## XIX

Mergulhara de todo o sol no ocaso,  
E a noite, clara, deliciosa e bela,  
665 A cidade cobriu — não sossegada,  
Como costuma — porém leda e viva,  
Cheia de luz, de cantos e rumores,  
Vitoriosa enfim. Eles, calados,

Foram por entre a multidão alegre,  
 670 A penetrar o cárcere sombrio.  
 Onde ao mar passarão, que os leve às praias  
 Da ancião Europa. Carregado o rosto,  
 Ia o pai; ela, não. Serena e meiga,  
 Entra afoita o caminho da amargura,  
 675 A custo sofrendo internas mágoas  
 Da amarga vida, breve flor como ela,  
 Que inda mais breve a mente lhe afigura.  
 Anjo, descera da região celeste  
 A pairar sobre o abismo; anjo, subia  
 680 De novo à esfera luminosa e eterna,  
 Pátria sua. Levar-lhe-á Deus em conta  
 O muito amor e o padecer extremo,  
 Quando romper a túnica da vida  
 E o silêncio imortal fechar seus lábios. (ASSIS, 1997, p. 110-125)

No presente poema, Machado de Assis constrói o ritmo muito próximo do poema “Potira” em versos decassílabos heróicos e sáficos e faz uso também do verso heróico quebrado que, como já observamos, não era usado comumente no Romantismo. Percebemos que, de alguma forma, o autor procura inovar e transgredir o convencional nos poemas americanos desde o estrato fônico.

“A Cristã-Nova” se inicia com uma epígrafe bíblica do livro de Naum, décimo versículo do terceiro capítulo: “... essa mesma foi levada cativa para uma terra estranha”. Esta epígrafe prenuncia o destino da personagem feminina do poema: Ângela. A escolha não poderia ser outra, já que o poema é impregnado de muita religiosidade judia e cristã, o que fará Machado de Assis recorrer outras vezes à Bíblia.

O diálogo intenso entre o poema e a Bíblia evidencia que Machado de Assis era leitor assíduo do Livro Sagrado. A temática do poema evoca seus conhecimentos dos textos bíblicos, já que a maior tensão do poema nasce do conflito religioso.

Este diálogo com a Bíblia começa já na epígrafe, versículo tirado do livro de Naum, livro que conta a destruição de Nínive, antiga capital da Assíria.

No canto IV da parte I, a cristã nova é chamada de açucena dos Cânticos (verso 58), outro livro da Bíblia, escrito por Salomão, e ainda neste canto sua beleza é comparada a de Rute, esposa de Booz (versos 67 e 68), que teve sua história contada pelo profeta Samuel no livro de “Rute”.

Muitas outras referências bíblicas são feitas à Babilônia, a Moisés e Jesus Cristo.

Há ainda uma alusão indireta no canto VII da parte I, em que do 141º ao 146º verso tem-se uma paráfrase dos versículos 9º ao 13º do capítulo 16 do livro de Ezequiel.

[...] <sup>9</sup> Então eu te mergulhei na água para limpar o sangue de que estavas coberta, e te ungi com óleo. <sup>10</sup> Eu te vesti de tecidos bordados, calcei-te com sapatos de pele de golfinho, cingi-te com um cinto de fino linho e um véu de seda. <sup>11</sup> Ornei-te de adornos: braceletes nos teus pulsos, colares em teu pescoço, <sup>12</sup> um anel para o teu nariz, brincos para tuas orelhas, uma coroa magnífica para tua cabeça. <sup>13</sup> Teus ornatos eram de ouro, prata, com vestimentas de linho fino, de seda e panos bordados; teu alimento era trigo, mel e óleo. Cada vez mais bela, chegaste à dignidade real. [...] (EZEQUIEL, 16, 9-13)

O ponto máximo do diálogo com o texto Bíblico é sem dúvida a adaptação em versos do salmo 136. A adaptação que compreende 34 versos divididos em dez tercetos e um quarteto, com o esquema de rimas ABA para os tercetos e ABAB para o quarteto. As idéias centrais do poema são o saudosismo e a situação de não conseguir ser feliz sendo escravo, estando sob o domínio de outro povo que cultua outro deus.

O título do poema “A Cristã-Nova” se refere à heroína Ângela, uma judia convertida ao catolicismo que vive à beira mar em companhia do pai, um homem muito velho que cultiva a fé pagã.

Nos nove cantos da “Parte Primeira”, o eu-poético opõe o novo ao velho, o judaísmo ao catolicismo, representados por pai e filha. São muito carregados os versos, pois transbordam ressentimentos. Da parte do pai, há o ressentimento da saudade de sua terra; e da filha, o de não cultivar a mesma crença do pai.

Como em “Potira”, a oposição é feita através de personagens da mesma etnia, dois judeus.

Apesar de no poema “A Cristã-Nova” não encontrarmos o índio, nele há outras marcas do instinto de americanidade, como a presença do judeu e do português, etnias e nacionalidades que participaram da miscigenação do povo brasileiro.

O narrador é mais impessoal que o narrador de “Potira”, e assume ser nacionalista, visto que usa por diversas vezes pronomes possessivos para designar elementos da natureza brasileira. (Ver verso 39)

A natureza se faz presente no poema, configurando um dos traços do instinto de americanidade: a cor local.

Na “Parte Primeira” do canto I, há por cinco vezes referência a elementos da natureza. É importante ressaltar que a apresentação da cor local em “A Cristã-Nova” se assemelha ao tom predominante deste traço em “Potira”, já que a natureza é muito presente, mas são raras (bem menos que no primeiro poema) as descrições de elementos únicos da natureza brasileira, como detalhamentos da espécie de uma ave ou árvore típica da flora brasileira.

Por outro lado há uma valorização da natureza brasileira em relação à velha Palestina.

A relação entre a natureza brasileira e a Palestina não coloca em detrimento a segunda, visto que o velho pai sente falta de sua antiga pátria, mas também enaltece a natureza da terra nova que o acolheu. Um exemplo da valorização da natureza se dá nos versos 11 a 33, do canto II.

Apesar de considerar sua antiga terra e suas águas como santas, é no Brasil que o velho pai vive seus melhores dias. Em terras brasileiras, a personagem encontrou um luar vago e doce, flores plácidas e cheias, deleitosas praias, enquanto deixou na Palestina serros estéreis, ruínas, ermas planícies e flores secas.

Nos versos 74 a 77 e 82 a 87, do canto V, reconhecemos a natureza como um elemento que ajuda na clareza da narração, como se fosse um dos fios da trama que compõe os versos. As referências à natureza exemplificam e traduzem, ajudando melhor entender coisas abstratas tratadas no poema como o pensamento e a alma.

No canto VII, o narrador dá voz ao pai de Ângela, que sobre a natureza demonstra gratidão, pois os acolheu e se ofereceu como campo propício para florescer sua jovem filha Ângela que, ao contrário dele, não carrega saudade da terra antiga. (Ver versos 121 a 124)

Nos versos 254 a 257, do canto II, da “Parte Segunda”, encontramos um cenário da natureza brasileira em que há a referência explícita a um animal típico brasileiro, o lobo guará, acentuando as cores locais Machado de Assis dá ao lobo o adjetivo “pátrio”.

No próximo canto, nos versos 280 a 283, é narrado o episódio da invasão francesa à Niterói, em que a cor local também se faz presente. A própria referência ao termo “Niterói” lingüisticamente é carregada de cor local, visto que, além de ser uma “cidade” brasileira, significa águas escondidas.

Nos versos de 471 a 477, do canto X, da segunda parte, encontra-se a cor local expressada pela personagem Nuno. O rapaz português exalta a natureza brasileira, ora ligada a sua infância, ora a seu estado de espírito.

No canto XI, onde é narrada a comemoração dos brasileiros por terem vencido os franceses. Nos versos 498 a 500, a sensação de vencer é comparada a de escalar uma montanha que chega até o céu azul, onde se respira nosso ar mais puro.

No canto XIV, o velho pai é definido como uma velha árvore que não pode perder suas folhas no lugar onde estava, ou seja, não poderia morrer no Brasil.

Desenvolvendo esta metáfora, no canto XV, Ângela é comparada a uma flor parasita, que se agarra ao tronco do pai, como se pode ver nos versos 592 a 596.

Nos versos 640 a 643, outra vez, a natureza é usada como representação do estado de espírito das personagens, desta vez de Ângela.

Assim como Potira, diversas vezes no poema, Ângela também é comparada à flor, como se vê na primeira parte, nos versos 58 e 69, do canto IV; na segunda parte, no verso 345, do canto V, no verso 675, do canto XIX. Nos versos 406 a 413, do canto VII, além de ser chamada de flor, seu estado de espírito é comparado às adversidades climáticas que pode sofrer uma flor, como: estio, calor, chuva.

Outra marca do instinto de americanidade é a tradição imaginativa que se faz presente em “A Cristã-Nova”.

Como vimos, a fé é o tema principal do poema, em que o embate entre a fé judia e cristã é constante. Nos versos 146 a 152 este embate é concretizado pela fé do pai e da filha.

No poema, encontramos também outra marca do instinto de americanidade: o nacionalismo. Salientamos que o nacionalismo apresentado no poema coincide com a concepção do nacional do crítico Machado de Assis, uma vez que não se restringia aos índios. Tinha como objetivo compor poemas que tratassem das etnias que compuseram o povo brasileiro, entre ela a judia, logo, a abordagem deste tema configura o nacionalismo.

Pai e filha, apesar de terem nascido em outra terra, apropriam-se do Brasil. Podemos evidenciar a apropriação por parte do pai, quando lamenta não poder morrer na terra que o revigorou e, por parte da filha, quando exalta o Brasil no verso 108, do canto VI, e diz: “terra minha!”

O nacionalismo ainda se evidencia, ao comparar a Palestina ao Brasil, atribuindo ao último sempre adjetivos positivos.

Além disso, nos versos 242 e 243 da segunda parte do primeiro canto, chega a usar os termos “pátrios morros” e “terra moça”, explicitando o nacionalismo.

No verso 46, do canto III, da primeira parte, há referência à Guanabara, enquanto no verso 282, do canto III, da segunda parte, a Niterói. Ambas referências às “cidades” brasileiras, configurando o nacionalismo, ao evidenciar suas qualidades também.

A partir do canto VI, da segunda parte, é narrada a participação de Nuno na guerra contra os invasores franceses. O rapaz se enche de patriotismo para defender a terra em que cresceu.

Por diversas vezes Nuno se refere ao Brasil, usando o termo pátria, como observamos nos versos 374, do canto VI, no 415 do canto VIII, 448 do canto IX e no 471 do canto X.

Nos últimos versos do poema, o Brasil é definido como esfera luminosa e eterna, onde Ângela, um anjo, subiu, conforme se percebe nos versos 677 a 680.

O nacionalismo é reforçado também na conclusão, pois apesar do desfecho trágico, Machado de Assis insiste na importância do Brasil para os cristãos novos, que encontraram aqui uma pátria.

Reconhecemos também o sentimento de posse e orgulho da América, traço que também expressa o instinto de americanidade no verso 70 do canto IV, na primeira parte de “A Cristã-Nova”. Verso em que o eu-poético observa que Ângela, flor de Israel, brotou na Palestina, mas foi corada ao sol da “juvenil América”.

O termo “América” é substituído por Brasil, como se os dois tivessem o mesmo significado, indicando o sentimento de pertencimento à América.

O que mais nos surpreende, neste poema, é a representação do brasileiro ser feita por estrangeiros. Alias, não podemos considerá-los como tal, pois essas personagens são



autênticos brasileiros, pessoas que encontraram no Novo Mundo uma terra acolhedora, um lugar onde podiam ser felizes.

O judeu e o português são as etnias presentes neste poema, o que caracteriza mais uma vez um traço da americanidade, o hibridismo. A representação da identidade americana, mais uma vez é inovadora. Machado de Assis aborda a questão da miscigenação, pois tem consciência de que foi através dela que surgiu o americano e, conseqüentemente, o brasileiro. Através dela também aborda a questão do preconceito em relação a algumas etnias: neste poema a judia, e no próximo a negra, etnias essas que por serem consideradas menores raramente ocupavam o centro das composições literárias no Romantismo, não sendo colocadas tampouco de igual para igual com as demais etnias presentes no Brasil como fundadoras do povo brasileiro.

O primeiro poema desta tríade, “Potira” tem como protagonista uma mulher, uma índia cristianizada, que ao contrário do que esperaríamos de um poema indianista, defende os preceitos cristão e civilizado, e no poema que vem a seguir, Machado de Assis inova ao recorrer ao indianismo, uma vez que nele aparece o índio europeizado.

No último poema da tríade, “Sabina”, também temos uma mulher como protagonista, uma escrava que sonha com seu senhor e tem esperança de ser correspondida. Neste poema, percebe-se a presença fortemente marcada do hibridismo, na figura de uma terceira mulher representante de mais uma etnia, que carrega em seu ventre um filho, fruto da mistura do branco e do negro, explicitando assim a miscigenação.

## SABINA

1 Sabina era mucama da fazenda;  
Vinte anos tinha; e na província toda  
Não havia mestiça mais à moda,  
Com suas roupas de cambraia e renda.

5 Cativa, não entrava na senzala,  
Nem tinha mãos para trabalho rude;  
Desbrochava-lhe a sua juventude  
Entre carinhos e afeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá-moça,  
10 Que com ela brincou sendo menina,

Sobre todas amava esta Sabina,  
Com esse ingênuo e puro amor da roça.

Dizem que à noite, a suspirar na cama,  
Pensa nela o feitor; dizem que, um dia,  
15 Um hóspede que ali passado havia,  
Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma jóia no pescoço?  
Não pôde haver o coração da bela.  
Se alguém lhe acende os olhos de gazela,  
20 É pessoa maior: é o senhor moço.

Ora, Otávio cursava a Academia.  
Era um lindo rapaz; a mesma idade  
Coas passageiras flores o adornava  
De cujo extinto aroma inda a memória  
25 Vive na tarde pálida do outono.  
Oh! vinte anos! Ó pombas fugitivas  
Da primeira estação, por que tão cedo  
Voais de nós? Pudesse ao menos a alma  
Guardar consigo as ilusões primeiras,  
30 Virgindade sem preço, que não paga  
Essa descolorida, árida e seca  
Experiência do homem!

#### Vinte anos

Tinha Otávio, e a beleza e um ar de corte,  
35 E o gesto nobre, e sedutor o aspecto;  
Um vero Adônis, como aqui diria  
Algum poeta clássico, daquela  
Poesia que foi nobre, airosa e grande  
Em tempos idos, que ainda bem se foram...

40 Cursava a Academia o moço Otávio;  
Ia no ano terceiro, não remoto  
Via desenrolar-se o pergaminho,  
Prêmio de seus labores e fadigas;  
E uma vez bacharel, via mais longe  
45 Os cursos braços da feliz cadeira  
Donde o legislador a rédea empunha  
Dos lépidos frisões do Estado. Entanto,  
Sobre os livros de estudo, gota a gota  
As horas despendia, e trabalhava  
50 Por meter na cabeça o jus romano  
E o pátrio jus. Nas suspiradas férias  
Volvia ao lar paterno; ali no dorso  
De brioso corcel corria os campos,  
Ou, arma ao ombro, polvorinho ao lado,  
55 À caça dos veados e cutias,  
Ia matando o tempo. Algumas vezes

Com o padre vigário se entretinha  
Em desfiar um ponto de intrincada  
Filosofia, que o senhor de engenho,  
60 Feliz pai, escutava glorioso,  
Como a rever-se no brilhante aspecto  
De suas ricas esperanças.

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito  
65 Otávio; em quatro sorvos toda esgota  
A taça de café. Chapéu de palha,  
E arma ao ombro, lá foi terreiro fora,  
Passarinhar no mato. Ia costeando  
O arvoredado que além beirava o rio,  
70 A passo curto, e o pensamento à larga,  
Como leve andorinha que saísse  
Do ninho, a respirar o hausto primeiro  
Da manhã. Pela aberta da folhagem,  
Que ainda não doura o sol, uma figura  
75 Deliciosa, um busto sobre as ondas  
Suspende o caçador. Mãe d'água fora,  
Talvez, se a cor de seus quebrados olhos  
Imitasse a do céu: se a tez morena,  
Morena como a esposa dos Cantares,  
80 Alva tivesse; e raios de ouro fossem  
Os cabelos da cor da noite escura,  
Que ali soltos e úmidos lhe caem,  
Como um véu sobre o colo. Trigueirinha,  
Cabelo negro, os largos olhos brandos  
85 Cor de jabuticaba, quem seria,  
Quem, senão a mucama da fazenda,  
Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,  
E nela os olhos espantados fita  
Que desejos acendem. — Mal cuidando  
90 Daquele estranho curioso, a virgem  
Com os ligeiros braços rompe as águas,  
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,  
Talhado pela mão da natureza  
Sobre o modelo clássico. Na oposta  
95 Riba suspira um passarinho; e o canto,  
E a meia luz, e o sussurrar das águas,  
E aquela fada ali, tão doce vida  
Davam ao quadro, que o ardente aluno  
Trocara por aquilo, uma hora ao menos,  
100 A Faculdade, o pergaminho e o resto.

Súbito erige o corpo a ingênua virgem.  
Com as mãos, os cabelos sobre a espádua  
Deita, e rasgando lentamente as ondas,  
Para a margem caminha, tão serena,  
105 Tão livre como quem de estranhos olhos

Não suspeita a cobiça...Véu da noute,  
Se lhos cobrira, dissipara acaso  
Uma história de lágrimas. Não pode  
Furtar-se Otávio à comoção que o toma;  
110 A clavina que a esquerda mal sustenta  
No chão lhe cai; e o baque surdo acorda  
A descuidada nadadora. Às ondas  
A virgem torna. Rompe Otávio o espaço  
Que os divide; e de pé, na fina areia,  
115 Que o mole rio lambe, ereto e firme,  
Todo se lhe descobre. Um grito apenas  
Um só grito, mas único, lhe rompe  
Do coração; terror, vergonha... e acaso  
Prazer, prazer misterioso e vivo  
120 De cativa que amou silenciosa,  
E que ama e vê o objeto de seus sonhos,  
Ali com ela, a suspirar por ela.

‘Flor da roça nascida ao pé do rio,  
Otávio começou — talvez mais bela  
125 Que essas belezas cultas da cidade,  
Tão cobertas de jóias e de sedas,  
Oh! não me negues teu suave aroma!  
Fez-te cativa o berço; a lei somente  
Os grilhões te lançou; no livre peito  
130 De teus senhores tens a liberdade,  
A melhor liberdade, o puro afeto  
Que te elegeu entre as demais cativas,  
E de afagos te cobre! Flor do mato,  
Mais viçosa do que essas outras flores  
135 Nas estufas criadas e nas salas,  
Rosa agreste nascida ao pé do rio,  
Oh! não me negues teu suave aroma!’

Disse, e da riba os cobiçosos olhos  
Pelas águas estende, enquanto os dela,  
140 Cobertos pelas pálpebras medrosas  
Choram, — de gosto e de vergonha a um tempo,  
Duas únicas lágrimas. O rio  
No seio as recebeu; consigo as leva,  
Como gotas de chuva, indiferente  
145 Ao mal ou bem que lhe povoa a margem;  
Que assim a natureza, ingênua e dócil  
Às leis do Criador, perpétua segue  
Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem  
Padecer e saber que sente e morre.

150 Pela azulada esfera inda três vezes  
A aurora as flores derramou, e a noite  
Veze três a mantilha escura e larga  
Misteriosa cingiu. Na quarta aurora,

Anjo das virgens, anjo de asas brancas,  
155 Pudor, onde te foste? A alva capela,  
Murcha e desfeita pelo chão lançada,  
Coberta a face do rubor do pejo,  
Os olhos com as mãos velando, alçaste  
Para a Eterna Pureza o eterno vôo  
160 Quem ao tempo cortar pudera as asas  
Se deleitoso voa? Quem pudera  
Suster a hora abençoada e curta  
Da ventura que foge, e sobre a terra  
O gozo transportar da eternidade?  
165 Sabina viu correr tecidos de ouro  
Aqueles dias únicos na vida  
Toda enlevo e paixão, sincera e ardente  
Nesse primeiro amor d'alma que nasce  
E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,  
170 Consciência; razão, tu lhe fechavas  
A vista interior; e ela seguia  
Ao sabor dessas horas mal furtadas  
Ao cativo e à solidão, sem vê-lo  
O fundo abismo tenebroso e largo  
175 Que a separa do eleito de seus sonhos,  
Nem pressentir a brevidade e a morte!

E com que olhos de pena e de saudade  
Viu ir-se um dia pela estrada fora  
Otávio! Aos livros torna o moço aluno,  
180 Não cabisbaixo e triste, mas sereno  
E lépido. Com ela a alma não fica  
De seu jovem senhor. Lágrima pura,  
Muito embora de escrava, pela face  
Lentamente lhe rola, e lentamente  
185 Toda se esvai num pálido sorriso  
De mãe.

Sabina é mãe; o sangue livre  
Gira e palpita no cativo seio  
E lhe paga de sobra as dores cruas  
190 Da longa ausência. Uma por uma, as horas  
Na solidão do campo há de contá-las,  
E suspirar pelo remoto dia  
Em que o veja de novo... Pouco importa,  
Se o materno sentir compensa os males.  
195 Riem-se dela as outras; é seu nome  
O assunto do terreiro. Uma invejosa  
Acha-lhe uns certos modos singulares  
De senhora de engenho; um pajem moço,  
De cobiça e ciúme devorado,  
200 Desfaz nas graças que em silêncio adora  
E consigo medita uma vingança.  
Entre os parceiros, desfiando a palha

Com que entrança um chapéu, solenemente  
Um Caçanje ancião refere aos outros  
205 Alguns casos que viu na mocidade  
De cativas amadas e orgulhosas,  
Castigadas do céu por seus pecados,  
Mortas entre os grilhões do cativo.

Assim falavam eles; tal o aresto  
210 Da opinião. Quem evitá-lo pode  
Entre os seus, por mais baixo que a fortuna  
Haja tecido o berço? Assim falavam  
Os cativos do engenho; e porventura  
Sabina o soube e o perdoou.

215 Volveram  
Após os dias da saudade os dias  
Da esperança. Ora, quis fortuna adversa  
Que o coração do moço, tão volúvel  
Como a brisa que passa ou como as ondas,  
220 Nos cabelos castanhos se prendesse  
Da donzela gentil, com quem atara  
O laço conjugal: uma beleza  
Pura, como o primeiro olhar da vida,  
Uma flor desbrochada em seus quinze anos,  
225 Que o moço viu num dos serões da corte  
E cativo adorou. Que há de fazer-lhes  
Agora o pai? Abençoar os noivos  
E ao regaço trazê-los da família.

Oh longa foi, longa e ruidosa a festa  
230 Da fazenda, por onde alegre entrara  
O moço Otávio conduzindo a esposa.  
Viu-os chegar Sabina, os olhos secos,  
Atônita e pasmada. Breve o instante  
Da vista foi. Rápido foge. A noite  
235 A seu trêmulo pé não tolhe a marcha;  
Voa, não corre ao malfadado rio,  
Onde a voz escutou do amado moço.  
Ali chegando: 'Morrerá comigo  
O fruto de meu seio; a luz da terra  
240 Seus olhos não verão; nem ar da vida  
Há de aspirar...'

Ia a cair nas águas,  
Quando súbito horror lhe toma o corpo;  
Gelado o sangue e trêmula recua,  
245 Vacila e tomba sobre a relva. A morte  
Em vão a chama e lhe fascina a vista;  
Vence o instinto de mãe. Erma e calada  
Ali ficou. Viu-a jazer a lua  
Largo espaço da noite ao pé das águas,  
250 E ouviu-lhe o vento os trêmulos suspiros;

Nenhum deles, contudo, o disse à aurora. (ASSIS, 1997, p. 136-142)

O poema inicia com cinco quadras de versos decassílabos com rimas alternadas, que lhes conferem leveza e tratam da posição privilegiada que a escrava Sabina desfrutava, dos olhares de homens brancos despertados por sua beleza, do tema principal do poema, o amor do escravo pelo senhor.

Em sua maioria sáfico e heróico, o *enjambement* é um recurso muito utilizado conforme se pode constatar no quarto segmento. Assim como em “Potira” lemos que o uso deste recurso rítmico evidencia uma quebra na expectativa do poema, configurando-se numa dica ao leitor, principalmente em relação ao desfecho do poema.

Como vimos no segundo capítulo deste trabalho, “Sabina” é um dos poemas mais comentados e estudados pela crítica, a qualidade reconhecida também está presente na forma como o instinto de americanidade é construído nestes versos. De forma única este é o poema do livro que expressa a negritude e em diálogo com os outros dois poemas concretiza o projeto de Machado de Assis em relação a *Americanas*.

“Sabina” nos parece ser uma releitura do conto “Mariana”, publicado, em 1871, no *Jornal das Famílias*, uma vez que traz o mesmo tema com desfecho diferente. No conto, Mariana, a escrava se suicida no final.

A presença da natureza no poema é usada muito mais na composição de personagens e imagens, recurso comumente utilizado no Romantismo, do que como representação da cor local.

Apesar do “enredo” do poema se passar na roça, a natureza campestre não é supervalorizada em relação ao urbano e à beleza feminina. No verso 124, ao contrário do que acontece nos dois primeiros poemas, a beleza rude e campestre não é considerada superior, evidenciando no uso da palavra “talvez” a possibilidade de equiparação da beleza do campo e da cidade.

São raros os momentos em que a natureza tipicamente brasileira é citada, somente nos versos 71 e 85.

A presença do sobrenatural tão importante nos dois primeiros poemas, principalmente em “A Cristã-Nova”, aparece em “Sabina” uma única vez, do verso 204 ao

208, esta referência ao sobrenatural não tem relação direta com o enredo, nem as personagens, e apresenta uma divindade que já castigou mulheres que como Sabina se envolveram com homens brancos, à morte.

Apesar desta presença não ser tão marcante como as demais, caracteriza um traço do instinto de americanidade, visto que busca representar mais uma das crenças americanas, a dos negros.

O traço do instinto de americanidade presente somente neste poema de *Americanas*, a negritude é o mais importante, não por estar presente só em “Sabina”, mas por Machado de Assis não ter deixado de lado uma grande parte da etnia que ajudou a compor o povo brasileiro, o negro escravo.

Antes de mais nada julgamos necessário saber, no geral, como a crítica analisou a presença do negro na obra machadiana e a questão da escravidão, temas bastante discutidos, talvez toda discussão esteja no motivo do próprio Machado de Assis ser negro.

Nesta questão da escravidão elegemos o estudo de Raymundo Faoro para esta representação, ele defende Machado de Assis quando diz sobre a opinião do autor em seu livro *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*.

[...] Somente ele, isolado na multidão que aclama, ousou manifestar a inanidade de 13 de maio. Livre o escravo, estará na rua, sem emprego, ou receberá do senhor a esmola do salário, em troca de igual trabalho, co as antigas pancadas e injúrias. [...] A visão de Machado de Assis é outra, inédita e inesperada, embora traduza a mais elementar das reações. Desapareceu o cativo, mas ficaram de pé as instituições que sujeitam, prendem e agrilhoam o trabalho livre.[...] (FAORO, 1974, 327)

Faoro no decorrer de todo o tópico “Operários e escravos: hierarquia e vingança” do capítulo III de seu livro defende fervorosamente a idéia de que Machado de Assis foi mal interpretado na questão de como tratou o tema da escravidão, colocando que o escritor sempre foi um homem à frente de seu tempo, que enxergava as entrelinhas dos problemas sociais de sua época. Na página 332 do mesmo tópico continua sua defesa:

[...] Enfim, na questão servil, o escritor não quer ser enganado pelos discursos e pelas ações falsamente generosas. Ele, quase solitariamente, vê, atrás da liberdade, o fundamento da liberdade, assentado sobre a autonomia econômica. Percebe que a libertação do escravo pode ser



apenas um bom negócio para o branco e o caminho da miséria para o preto. A liberdade, a bela e milagrosa liberdade dos comícios e dos panfletos, também esconde a servidão. (FAORO, 1974, 332)

Segundo o crítico, Machado define o escravo como um *ser* [...] conformado à sorte, escravo também nos sentimentos que refletem as alegrias e tristezas do senhor[...] (FAORO, 1974, 335-336).

O autor utiliza trechos de contos e de romances machadianos para comprovar suas afirmações sobre a escravidão, mas se ele tivesse buscado um material mais diversificado em seu estudo, e tomasse como exemplo “Sabina” algumas de suas afirmações seriam incoerentes. A personagem Sabina é o inverso do que se tem para Faoro como escravo machadiano, ela não é submissa e mesmo sendo uma escrava tem desejos que vão além de sua condição social.

Quanto à problemática de existir ou não algum trabalho de Machado de Assis que possa ser considerado como literatura negra, recorreremos a Zilá Bernd, mais precisamente a seu livro *Negritude e Literatura na América Latina*.

Falando precisamente de poesia negra, Zilá cita Jean-Claude Bajeux que definindo em seu livro *Antilia retrouvée* o que venha a ser poesia negra, exclui algumas definições da expressão já existente, como a de que basta que o autor seja negro para que produza uma poesia negra, ou que sua obra tenha uma temática negra, mas sim, uma obra poética que expresse a temática negra através de uma voz negra.

Ainda em Zilá, encontramos um comentário mais específico sobre a obra de Machado de Assis. Zilá critica a obra do estudioso estrangeiro Brookshaw, que diz ser superficial devido à criação de uma definição de literatura negra baseada somente na cor da pele de quem a produz, fazendo julgamentos desfavoráveis à Machado de Assis, cuja obra ele julga [...] não conter explicitamente uma defesa da causa negra. (BERND, 1987, 19)

Ainda sobre Machado, Zilá cita Antonio Candido:

Antonio Candido jogou luz sobre a questão quando, no ‘Perfil da Literatura Negra’, realizado em São Paulo, em maio de 1985, esclareceu que Machado de Assis, maior escritor de seu tempo, realmente integrou o mundo dos brancos, mas o fato de realizar de maneira sistemática uma impiedosa crítica da sociedade da sua época caracteriza sua obra também como literatura de combate. Portanto, consciente ou inconscientemente, Machado desenvolveu uma capacidade de resistência. (BERND, 1987, 20)

Após essas considerações, podemos afirmar que este poema tem índices de negritude, afinal, além de ter como personagem principal uma escrava negra, Machado de Assis faz uma crítica implícita ao sistema escravocrata quando evidencia a incongruência do senhor de engenho se orgulhar em bancar os estudos do filho, futuro advogado, na intenção que seja um homem civilizado e esclarecido às custas do trabalho escravo.

A defesa do autor está nas entrelinhas do poema que, apesar de narrar que a escrava era tratada com consideração, os fatos apontam que esta consideração é mantida até o ponto que sirva ao senhor, mostrando toda a crueldade desta relação.

Machado de Assis ainda trata sutilmente da lei do “Ventre livre” quando, nos versos 187 e 188, diz que no ventre de Sabina corre o sangue livre, talvez este fato fez com que vacilasse, ao contrario da escrava Mariana, no intento de se matar, já que seu filho não seria escravo como ela.

Neste poema, Machado de Assis conclui o projeto de tratar em *Americanas* das etnias que julgava representar o povo americano que surgiu a partir das misturas.

A mais numerosa e mais desprivilegiada das etnias é a tratada neste poema, pois a escravidão dos negros sempre apresenta um caráter desumano, pois como escravos eram considerados e tratados como animais. Este fato fez com que por um longo tempo o negro não aparecesse na literatura como parte integrante do nosso povo e sim como servo, mesmo depois do fim da escravidão.

Acreditamos que esta inclusão de negro como parte integrante do povo americano acentue ainda mais o caráter híbrido de *Americanas*, onde Machado de Assis procurou incluir esta etnia tão marginalizada na literatura do XIX.

## CONCLUSÃO

Inicialmente, buscamos uma definição de americanidade que se articulasse com o período romântico brasileiro, momento literário em que se insere *Americanas*, o *corpus* deste trabalho.

Nesta busca por uma definição, percebemos que o sentimento de pertencimento à América é uma característica intrínseca à americanidade, presente em todos os períodos e nacionalidades nos quais se expresse este sentimento. A maioria dos demais traços da americanidade apontados como formas de sua expressão, portanto, foi delineada pelo contexto romântico brasileiro, onde a vontade de construir uma literatura nacional era predominante. Através deste forte desejo, os literatos elegeram temas e figuras que representavam o nacional, também presentes na americanidade.

Usamos a expressão instinto de americanidade e não simplesmente americanidade por motivo também estritamente ligado ao Romantismo, pois entendemos que, apesar do grande empenho dos autores brasileiros em construir uma literatura independente, estes não obtiveram sucesso uma vez que só alcançamos esta autonomia no século XX. Esse desejo fez com que tomássemos o rumo da construção da literatura brasileira, iniciativa esta valorizada e cunhada pelo próprio Machado de Assis como instinto de nacionalidade. Desta visada machadiana em relação à literatura brasileira, emprestamos a denominação para o conceito de americanidade, expresso também no período romântico como instinto, sentimento, pressentimento de americanidade, pelas marcas semelhantes às do movimento romântico, como a de agir instintivamente e não ter clareza de um projeto a ser seguido. Tentamos então expressar através do uso da expressão “instinto de americanidade”, o sentimento de pertencimento à América que deu mais confiança aos escritores brasileiros diante da empreitada a que se propunham. Este sentimento de pertencimento que nos parece ter acontecido de forma espontânea, e não como um passo pensado e planejado de um projeto de construção da identidade nacional, configurou-se como uma etapa necessária para a construção efetiva da consciência do nacionalismo literário.

Em relação ainda ao instinto de americanidade, fomos surpreendidos pela forte presença do hibridismo, muito presente nos estudos contemporâneos, e que para alguns

estudiosos, constitui a chave do enigma para uma definição menos redutora e ao mesmo tempo mais ampla, no sentido de abranger toda a América, ganhando força suficiente para derrubar, na contemporaneidade, algumas idéias totalizadoras. No continente americano onde tantas etnias ajudaram a compor suas populações, onde houve processos de colonização diferentes e que ainda hoje convive com a hegemonia dos Estados Unidos da América do Norte cujos cidadãos se auto-nomeiam os “verdadeiros” americanos, é praticamente impossível chegar-se a um conceito mais abrangente e complexo que dê conta de todas os sentidos que o termo americanidade oferece. Devido a este contexto, o hibridismo nos parece traduzir esta busca da definição concreta não alcançada, aparecendo como solução para a identidade americana. A miscigenação que parecia ser um problema no caminho da totalidade de um conceito, configura-se como resposta aos inúmeros traços pelos quais a americanidade se faz presente nas diferentes nações, em diferentes épocas.

Machado de Assis brilhantemente reconhece as várias possibilidades de expressão da americanidade através do hibridismo e, como vimos, de forma única, explora várias etnias não comumente retratadas na literatura como parte integrante do povo americano.

Procuramos, além disso, fazer uma breve apresentação do livro *Americanas*, e, motivados pela falta de estudos sobre a poesia machadiana, pudemos levantar a idéia de que este livro de poemas americanos teve como principal objetivo responder à crítica contemporânea a Machado de Assis que o acusava de não tratar do nacional.

Percebemos também que, apesar de sempre encontrarmos críticas destinadas à obra iniciadas pelo comentário de não ser *Americanas* um livro de destaque, há sempre uma ressalva a um ou outro poema que, por suas vez, quase não apresenta coincidência de pontos de vista de um crítico para outro. As ressalvas destinadas a vários poemas do livro nos fizeram acreditar que *Americanas* tem uma qualidade no que diz respeito ao seu caráter experimental expresso na tentativa de inovar ao recorrer ao indianismo e tratar de etnias não usadas então como representativas do povo brasileiro.

*Americanas* dialoga também, de forma muito próxima, com o ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, o que nos levou mesmo a considerar o livro a tradução em versos do referido texto crítico.

Finalmente, partimos para a identificação dos traços característicos do instinto de americanidade em *Americanas*, e por isso elegemos “Potira”, “A Cristã-Nova” e “Sabina”

como poemas mais representativos do livro. Através da análise dos versos desses poemas, pudemos confirmar a presença de todos os traços do instinto de americanidade, sendo o primeiro mais fortemente marcado pela cor local e indianismo, o segundo pelo nacionalismo e tradição imaginativa e o último pela negritude.

Nos três poemas reconhecemos a genialidade machadiana no que se refere à quebra de expectativa e à experimentação.

Em “Potira”, encontramos uma índia que não representa os costumes indígenas e que se contrapõe não ao colonizador, mas a um dos seus; em “A Cristã-Nova”, temos a escolha inusitada de uma judia como representante do brasileiro; e em “Sabina”, a marginalizada etnia negra aparece como representante do povo brasileiro, em posição de igual para igual, ou seja, equiparado a outras etnias, visto que Sabina era uma escrava que apresentava vontades próprias que iam além de sua condição social.

Os três poemas têm como fio condutor a representação do hibridismo presente de forma individual, ou seja, representando cada um deles uma etnia diferente, constituindo assim a representação da diversidade que se torna muito mais forte quando, unidas, na denominação do título, *Americanas*.

## BIBLIOGRAFIA

### 1) Da pesquisa:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. (Org. Afrânio Coutinho). 2. ed. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962, 3 v.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. (Org. Afrânio Coutinho). 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997, 3 v.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Poesias Completas*. (Org. pela Comissão Machado de Assis). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976, 3 v.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crítica Literária*. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1938.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. (Org. Cláudio Murilo Leal). Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

### 2) Sobre a obra de Machado de Assis:

ANDRADE, Mario de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1978, p. 98.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Quincas Borba. In: *Obra crítica de Araripe Júnior*. (Dir. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1960, v.2, p. 289-296.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Idéias e sandices do ignaro Rubião. In: *Op. cit.* V.2, p. 305-309.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Machado de Assis. In: *Op. cit.*, 1963, V.3, p. 3-9.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Machado de Assis. In: *Op. cit.*, 1966, V.4, p. 277-284.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Falenas*, versos de Machado de Assis. In: *Op. cit.*, 1970, V.5, p. 219-224.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977..

- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis e a política: mais outros estudos*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1983.
- BOSI, Alfredo et alii. *Antologia e Estudo: Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- CANDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Ver. e ampl., p. 17-39.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Martins, 1836-1880.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1969, 6vv.
- DUSILEK, Adriana. *O mais austero crítico de si mesmo: um olhar sobre a crítica de Machado de Assis*. Assis: Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciência e Letras – Universidade Estadual Paulista, 2000.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1974.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GONÇALVES, Fabiana. *O instinto de americanidade na poesia de Machado de Assis*. Assis: Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2009.
- JOBIM, José Luís. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks/ABL, 2001.
- JUNQUEIRA, Maria Aparecida. Projeto estético-literário machadiano: uma visão preliminar. In: *Recortes Machadianos*. Orgs. Anna Salles Mariano e Maria Rose Duarte de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Nankin, EDUSP, EDUC, 2008, p. 153-182.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. (Trad. Marco Aurélio de Moura Matos). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1981.
- PAGNAN, Celso Leopoldo. *Indianismo Revisitado: Machado e Alencar*. Assis: Tese de Doutorado – Faculdade de Ciência e Letras – Universidade Estadual Paulista, 2002.

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as Batatas*. São Paulo: Livrarias Duas Cidades, 1992.

TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

### 3) De apoio à pesquisa:

*A Bíblia Sagrada*. Tradução do Centro Bíblico Católico. 127. ed. São Paulo-SP: Editora Ave Maria, 1999.

AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

ARAGÃO, Maria Lúcia et MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Orgs.) *América: ficção e utopias*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1994.

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BERND, Zilá. (Org.) *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.

BERND, Zilá. (Org.) *Olhares cruzados*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

BERND, Zilá. e CAMPOS, Maria do Carmo. ( Orgs.) *Literatura e americanidade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

BROCA, Brito. *Americanos* (Org. Miriam Gárate). Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e Romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília: MEC-INL, 1979.

CAIRO, Luiz Roberto. Francisco Adolfo Varnhagen e o instinto de americanidade da literatura brasileira. In: *Vydia*. Vol. 19, N°. 34. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, jul.-dez./2000, p. 85-90.



- CAIRO, Luiz Roberto. Joaquim Norberto de Sousa Silva, leitor de literatura latino-americana. In: *Falas diversas: quatro estudos sobre Joaquim Norberto* (Org. Maria Eunice Moreira). Porto Alegre: CPL/PUCRS, 2001, p. 37-47.
- CAIRO, Luiz Roberto. A Crítica Romântica Brasileira e a nossa América: Varnhagen e Macedo Soares e o Instinto de Nacionalidade. In: *Espacios y discursos compartidos en la literatura da América Latina*. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2004.
- CAIRO, Luiz Roberto. Breves considerações sobre o instinto de americanidade da crítica literária romântica brasileira. In: *América: ensaios sobre memória e representação literária*. Org. Ana Maria Domingues de Oliveira e Luiz Roberto Velloso Cairo. Assis. FCL – Assis – Unesp – Publicações, 2007.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Ensayos y Comentarios*. Campinas: UNICAMP; São Paulo-SP: Fundo de Cultura Econômica de México, 1995.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- CARVALHAL, Tania Franco ( Org.) *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Editora UNISINOS, 1996.
- CARVALHAL, Tania Franco. Olhar a América: a prática comparativista. In: *Terceira Margem*. Nº 1 Rio de Janeiro: UFRJ/Centro de Letras e Arte, Faculdade de Letras-Pós-Graduação, 1993, p. 62-65
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1997, 2 v.
- COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio: São Paulo: EDUSP, 1968.
- COUTINHO, Afrânio. *Conceito de Literatura Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- GUINSBURG, J. (Org.) *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Romantismo. In: *Cobra de Vidro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 15-21.

*Interfaces Brasil/Canadá/Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Associação Brasileira de Estudos Canadenses*. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, 2002.

*Interfaces Brasil/Canadá/Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Associação Brasileira de Estudos Canadenses*. Rio Grande: FURG, v. 2, 2004.

LIMA, Lezama. *A expressão americana*. (Trad. Irleamar Chiampi) 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LINHARES, Temístocles. *Primado do nacional: a problemática das literaturas hispano-americanas*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia/Conselho Estadual de Cultura, 1976.

LOPES, Hélio. *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 1997.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.

MOREIRA, Maria Eunice e ZILBERMAN, Regina. (Orgs.) *Crítica literária romântica brasileira: primeiras manifestações*. In: *Cadernos do Centro de Pesquisa Literárias da PUCRS*. Vol. 5, Nº. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, agosto de 1999.

MOREIRA, Maria Eunice e ZILBERMAN, Regina. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MORENO, César Fernandes. (Coord. e introd.) *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PALERMO, Zulma. (Coord.) *El discurso crítico en América Latina II*. Buenos Aires: Corregidor, 1999.

PARANHOS, Haroldo. *História do Romantismo no Brasil*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1938, 2 v.

PIZARRO, Ana (Org.) *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, 3vv.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

- QUEIROZ, Maria José. *A América, a nossa e as outras: 500 anos de ficção e realidade, 1492-1992*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- QUEIROZ, Maria José. *A América sem nome*. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1979 .
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia Romântica*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- VERÍSSIMO, José. *Cultura, literatura e política na América Latina*. (Sel. e apres. João Alexandre Barbosa) São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ZILBERMAN, Regina. A fundação da literatura brasileira. In: *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Vol. 1, Nº 2, Porto Alegre: EDIPUCRS, junho/1995, p.7-13.
- ZILBERMAN, Regina. Uma teoria para a história da literatura no Brasil. In: *Cadernos do Centro de Pesquisas da PUCRS*. Vol. 3, Nº 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, abril/1997, p. 20-26.
- ZILBERMAN, Regina. Almeida Garret e o cânone romântico. In: *Letras Hoje*. Nº. 106. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez/1996, p. 25-35.